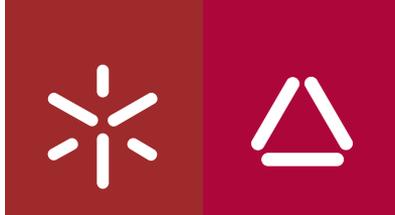


**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Sara Gabriela Martins Moreira

**Intimidades Masculinas: Representações  
da Intimidade**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Sara Gabriela Martins Moreira

## **Intimidades Masculinas: Representações da Intimidade**

Dissertação de Mestrado em Sociologia  
Área de Especialização em Políticas e Desenvolvimento Social

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Ana Maria Simões de  
Azevedo Brandão**

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Sara Gabriela Martins Moreira

**Endereço eletrónico:** saramartinsmoreira@gmail.com

**Número do Bilhete de Identidade:** 13758573

**Título da Dissertação de Mestrado:** Intimidades Masculinas: Representações da Intimidade

**Orientadora:** Professora Doutora Ana Maria Simões de Azevedo Brandão

**Ano de conclusão:** 2013

**Designação do Mestrado:** Sociologia – Área de Especialização em Políticas e Desenvolvimento Social

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a ajuda e o apoio de algumas pessoas que estiveram sempre presentes ao longo deste percurso, pois apesar de este ser um trabalho pessoal, ele é também reflexo do contributo de todos os que me acompanharam.

Assim sendo, há algumas pessoas a quem eu faço questão de aqui deixar a minha gratidão. Em primeiro lugar, à minha orientadora, a Prof. Doutora Ana Maria Brandão, do Departamento de Sociologia da Universidade do Minho, pelo facto de ter aceite ser minha orientadora nesta investigação, por toda a disponibilidade que sempre demonstrou, assim como pelas críticas rigorosas, pela confiança depositada e pelo incentivo nos momentos de dificuldade.

De forma particularmente carinhosa e especial agradeço aos meus pais, com os quais tenho uma dívida de gratidão, pois sem o seu apoio, amor, exigência incondicional, este caminho teria sido sem dúvida mais difícil. Quero, ainda, agradecer-lhes a confiança que sempre depositaram em mim e a paciência que tiveram em todos os momentos.

Aos meus irmãos Telmo e Marta expresso a mesma gratidão, por sempre entenderem as minhas ausências e por, cada um à sua maneira, ter contribuído para alegrar os meus dias, principalmente nos momentos de maior dificuldade.

Queria também aqui deixar o meu reconhecimento àqueles amigos que, de perto, seguiram as dificuldades que encontrei ao longo deste percurso, ouvindo sempre os meus desabafos, tendo sempre uma palavra de carinho, coragem e motivação, em especial, à Patrícia e à Ana Luísa, amigas que me acompanharam de perto neste percurso académico e me ajudaram a ultrapassar os obstáculos que iam surgindo e que, certamente, o irão continuar a fazer. À Sara, à Marisa, à Susana, companheiras de longa data, pelos momentos de cumplicidade e por todo o incentivo durante este percurso. À Andreia, à Joana, à Nata, à Catarina, à Gi, à Tici, à Helena, ao Sérgio, ao Nuno, ao Pedro Xavier à Diana pela camaradagem e pelas palavras de motivação e incentivo.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento a todos os entrevistados não só pela disponibilidade prestada, mas, essencialmente, por terem permitido questioná-los sobre vários assuntos, alguns dos quais bem difíceis. Espero ter sabido interpretar os vossos discursos, os vossos silêncios e os vossos sentimentos.

*A todos, o meu muito obrigado!*



## **Intimidades Masculinas: Representações da intimidade**

### **Resumo:**

O objeto teórico desta investigação são as representações que os homens têm das múltiplas expressões da intimidade, desde o amor, à paixão, às emoções, ao compromisso e à sexualidade. Tendo em conta os objetivos da investigação, o objeto empírico foi constituído por onze indivíduos exclusivamente do sexo masculino. Procurámos entender a relação entre masculinidades e intimidade; identificar as formas como os homens se posicionam face ao compromisso amoroso; e, por fim, identificar as representações dos homens acerca da sexualidade e a sua relação com a sua identidade de género.

A metodologia adotada possui um cariz eminentemente qualitativo. O método de investigação foi o estudo de casos, socorrendo-nos das técnicas de entrevista semi-directiva, que permitiu aprofundar um conjunto diversificado de questões sobre a masculinidade e fazer uma recolha das representações que os homens têm das relações íntimas, e do questionário, que permitiu fazer a caracterização sociodemográfica dos entrevistados.

As representações que os homens têm da masculinidade refletem influências da masculinidade hegemónica e do patriarcado. Essas influências são perceptíveis nas suas representações dos papéis sociais dos homens e das mulheres na sociedade ocidental. Com base nessas representações e nos dados do questionário sociodemográfico, relacionámos os indivíduos com diferentes modelos de masculinidade. Posteriormente, esses modelos de masculinidade serviram de base à interpretação das suas representações da intimidade. Assim, concluímos que podemos estabelecer uma relação entre diferentes masculinidades e diferentes formas de expressão da intimidade, tendo em conta o facto de se poder encontrar variações.

Palavras-chave: Masculinidades; Intimidade; Sexualidade; Identidades de género.



## **Male Intimacies: Representations of Intimacy**

### **Abstract**

The theoretical subject of this investigation is the representations that men have of the multiple expressions of intimacy, including love, passion, emotions, commitment and sexuality. Considering the goals of the research, the empirical object was constituted by eleven exclusively male individuals. We sought to understand the relationship between masculinity and intimacy; to identify the ways men position themselves regarding love and commitment; and finally, to identify the representations of men about sexuality and its relation to their gender identity.

The methodology was predominantly qualitative. The research method was the case study. We used the semi-directive interview that allowed us to explore a diverse set of issues regarding masculinity and the representations that men had about intimate relations, and the questionnaire, to attain the sociodemographic characterization of the respondents.

The representations that men have of masculinity reflect the influences of hegemonic masculinity and male patriarchy. These influences are noticeable in their representations of the social roles of men and women in Western society. Based on these representations and on data from the sociodemographic questionnaire, we were able to relate individuals with different forms of masculinity. Subsequently, these masculinities served as the basis for the interpretation of their representations of intimacy. We concluded that there is a relationship between different masculinities and different forms of expression of intimacy, considering the fact that we can find variations.

**Keywords:** Masculinity, Intimacy, Sexuality, gender identities.



## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>iii</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>v</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>vii</b>
<b>Índice</b> .....	<b>ix</b>
<b>Lista de siglas</b> .....	<b>x</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>Capítulo 1. A hegemonia da masculinidade</b> .....	<b>5</b>
1.1. <i>Origem e desenvolvimento dos estudos sobre a masculinidade</i> .....	6
1.2. <i>As alterações no conceito de masculinidade</i> .....	11
1.3. <i>A construção das identidades masculinas</i> .....	14
1.4. <i>Os diferentes tipos de masculinidade</i> .....	17
<b>Capítulo 2. Transformações na intimidade masculina</b> .....	<b>21</b>
2.1. <i>As emoções, o amor e a sexualidade no masculino</i> .....	23
2.2. <i>A intimidade e os diferentes tipos de masculinidade</i> .....	29
<b>Capítulo 3. Estratégia Metodológica</b> .....	<b>31</b>
<b>Capítulo 4. Representações da masculinidade</b> .....	<b>41</b>
4.1. <i>Representações do homem e da mulher</i> .....	41
4.2. <i>Masculinidades e manifestação das masculinidades</i> .....	48
<b>Capítulo 5. Representações da Intimidade Masculina</b> .....	<b>57</b>
5.1. <i>Influências nas representações de intimidade</i> .....	57
5.2. <i>A expressão da intimidade de acordo com a masculinidade</i> .....	59
5.3. <i>Sexualidade e identidade masculina</i> .....	65
<b>Conclusão</b> .....	<b>73</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>91</b>
Anexo 1. <i>Guião de entrevista</i> .....	93
Anexo 2. <i>Questionário</i> .....	97
Anexo 3. <i>Tabela de apuramento da origem e lugar de classe dos entrevistados</i> ..	103

## **Lista de siglas**

EDL - Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais

PTE - Profissionais Técnicos e de Enquadramento

TI - Trabalhadores Independentes

TIpl - Trabalhadores Independentes Pluriactivos

AI - Agricultores Independentes

AIpl - Agricultores Independentes Pluriactivos

EE - Empregados Executantes

OI - Operários Industriais

AA - Assalariados Agrícolas

AEpl - Assalariados Executantes Pluriactivos

## **Introdução**

Esta investigação emerge do interesse em aprofundar e contribuir para o conhecimento de um campo de estudos que tem vindo a ganhar relevância científica no quadro dos estudos de género – a masculinidade. Mais precisamente, era nossa ambição relacionar masculinidade e intimidade. Considerámos que o estudo das masculinidades e da intimidade masculina constituiria um grande desafio, sobretudo por se tratar de um domínio de investigação ainda pouco explorado.

O estudo das masculinidades tem vindo a constituir-se como um campo de estudo interdisciplinar. No que diz respeito à Sociologia, verifica-se que o interesse por esta temática é ainda pouco incisivo e durante muitos anos os homens raramente integravam a população-alvo dos estudos de género. Os escassos trabalhos de investigação realizados sobre as masculinidades pecam por não ter em conta a relevância do que os homens pensam sobre si e sobre as suas relações íntimas na estruturação da sua masculinidade.

Esta investigação, além do contributo para o desenvolvimento dos estudos sobre os homens, visa também, uma vez que o género constitui uma dimensão fundamental nas relações sociais, contribuir para o estudo das relações de género. Hodiernamente o género é um conceito que gera muita controvérsia pelo facto de estar envolto de várias noções pré-concebidas. Por exemplo, continuam a circular na sociedade determinadas representações de género que instituem que os homens e as mulheres são por natureza diferentes, o que faz com que os homens sejam vistos como mais inteligentes, mais fortes, menos afetivos e emotivos, mais promíscuos nas suas relações e mais violentos do que as mulheres. Com o intuito de desmistificar algumas destas questões, propusemo-nos dar conta do estudo sobre as masculinidades e analisar o modo como os homens se posicionam nas suas relações de intimidade.

Esta investigação, que tem como tema as masculinidades, visou dar resposta à seguinte questão: “Como é que as relações íntimas são percebidas pelos homens?”. Deste modo, o objeto teórico desta investigação são as representações que os homens têm das múltiplas expressões da intimidade, desde o amor, à paixão, às emoções, ao compromisso e à sexualidade. O objeto empírico foi constituído por onze indivíduos do sexo masculino, todos estudantes da Universidade do Minho.

Esta investigação que pretende contribuir para uma melhor compreensão das relações de género, centrando-se especificamente no domínio das masculinidades, teve

por objetivos específicos compreender a relação entre masculinidades e intimidade; identificar as formas como os homens se posicionam face ao compromisso amoroso; e identificar as representações dos homens acerca da sexualidade e a sua relação com a sua identidade de gênero.

Os primeiros dois capítulos deste relatório dizem respeito ao desenvolvimento do enquadramento e modelo de análise teórico do estudo. Nestes capítulos, são descritos e discutidos os principais conceitos da investigação. É feita a caracterização dos diferentes tipos de masculinidade e das diferentes expressões de intimidade, discutindo a influência que as mutações que ocorreram na sociedade tiveram no conceito de masculinidade e na vivência da intimidade. Finalmente estabelece-se uma relação entre diferentes tipos de masculinidade e expressões de intimidade.

Mais especificamente o primeiro capítulo debruça-se sobre as masculinidades. Começando por fazer uma contextualização dos estudos sobre as masculinidades nos estudos de gênero. Salienta-se a importância do movimento pelos direitos civis surgido nos Estados Unidos na década de 1950, e do movimento feminista e movimento gay das décadas de 1960 e 1970 no desenvolvimento dos estudos sobre a masculinidade. Dá conta dos contributos dos principais autores que se têm debruçado sobre o tema a nível internacional e nacional. Posteriormente feita esta contextualização debruçamo-nos sobre as alterações que tem passado o conceito de masculinidade, explicando de que forma essa alteração foi reflexo das mutações que foram ocorrendo na sociedade. Feito este enquadramento histórico dos estudos sobre a masculinidade e do conceito de masculinidade passamos então à análise da construção das identidades masculinas. Fizemos esta análise à luz das teorias construtivistas sem, no entanto, descorar do papel que a biologia tem neste processo de construção. Para finalizar este capítulo fazemos uma definição mais específica do conceito de masculinidade.

O segundo capítulo versa sobre a intimidade, começamos por fazer uma contextualização do conceito de intimidade nas sociedades ocidentais. Posteriormente damos conta da intimidade nas suas múltiplas expressões (amor, paixão, compromisso e sexualidade) verificando o posicionamento do homem em relação a cada uma delas ao longo do tempo. Para terminar este capítulo tentamos estabelecer uma relação entre diferentes expressões de intimidade com diferentes tipos de masculinidade.

No terceiro capítulo, é explicitada a estratégia metodológica que sustenta o trabalho empírico desta dissertação. São descritos os procedimentos adotados na recolha

e no tratamento dos dados e é também feita a caracterização dos casos que constituem a amostra.

Para finalizar, no quarto e no quinto capítulo são descritos e discutidos os principais resultados obtidos através do trabalho empírico.

Terminamos com a apresentação das principais conclusões, alertando para a necessidade de em futuras investigações se ponderar a importância de analisar os fatores que intervêm diretamente na construção dos esquemas de interpretação da realidade dos homens, de forma a verificar se são esses mesmos fatores que explicam as variações existentes nas representações de intimidade dentro do mesmo tipo de masculinidade.



## Capítulo 1. A hegemonia da masculinidade

A masculinidade foi vista, durante muito tempo, como o resultado natural da diferença sexual, explicação que servia também para afirmar a hegemonia masculina. A masculinidade era representada como um estado “primário e natural”, quando, na verdade, ela é secundária e adquirida (Badinter, 1993). Como sugere Jesus (2009), ser homem envolve um caminho que abrange aspetos sociais, psicológicos e culturais, estando a formação da identidade masculina e da masculinidade relacionadas com pressupostos culturais que fornecem certos modelos de comportamento. A masculinidade é, então, uma construção social produzida e reproduzida pelas ideologias circulantes na sociedade, tendo que ser vista à luz dos valores e representações dominantes em determinado período.

Para Badinter (1993), a masculinidade é algo que se ensina e se constrói, pelo que também pode mudar. No século XVIII, um homem digno desse nome podia chorar em público e ter vertigens; no final do século XIX, não pode mais fazê-lo sob pena de comprometer a sua dignidade masculina (*idem*: 48). O que se construiu pode, portanto, ser demolido para ser novamente construído (*idem*).

Antevendo, desde já, a existência de várias masculinidades, notamos que, paralelamente às mudanças pelas quais possa passar a masculinidade, é sempre possível identificar, em cada momento, um ideal cultural de masculinidade que se sobrepõe aos restantes numa posição de domínio – a masculinidade hegemónica. O facto de existir uma masculinidade hegemónica pressupõe, pois, a existência de outras formas de masculinidade que são excluídas do lugar de domínio – nomeadamente, as masculinidades subordinada, a cúmplice e a marginalizada (Connell, 1995). Deste modo, a masculinidade hegemónica assume-se como modelo de comparação na construção das restantes masculinidades. O facto de existirem vários tipos de masculinidade reflete-se em diferentes formas de os homens conceberem não só as suas identidades de género, mas também as suas práticas.

Desde o nascimento do patriarcado que o homem se define como um ser humano privilegiado. Como sugere Banditer (1993) desde o nascimento do patriarcado o homem era dotado de algo a mais que as mulheres, como tal era considerado “mais forte, mais inteligente, mais corajoso, mais responsável, mais criador, mais racional” (*idem*: 19). O patriarcado determinava que as relações entre as pessoas fossem desiguais e baseadas numa hierarquia onde era o homem que dominava. De acordo com os pressupostos do

patriarcado as pessoas que não fossem adultas e do sexo masculino, isto é as mulheres e as crianças, estavam subordinadas ao homem e deviam prestar-lhe obediência.

Com o decorrer do tempo a superioridade do homem patriarcal, e o lugar que este ocupa na sociedade começou a ser questionada e posta em causa por alguns movimentos sociais, o que levou ao repensar do lugar do homem na sociedade e à redefinição dos papéis que lhe estavam atribuídos. O repensar da masculinidade tornou-se uma necessidade, o que explicou de certo modo o desenvolvimento de estudos sobre a masculinidade.

### **1.1. Origem e desenvolvimento dos estudos sobre a masculinidade**

Os estudos sobre a masculinidade surgiram com o intuito de obter uma compreensão mais aprofundada acerca do que significa ser homem. Para percebermos o contexto em que estes estudos surgiram, temos, primeiro, que os relacionar com os estudos de género, uma vez que foi no âmbito destes que se começou a falar de masculinidades. O primeiro passo para o interesse actual pelo estudo dos homens e das masculinidades está relacionado com o movimento pelos direitos civis que surgiu nos Estados Unidos nos finais da década de 1950. Os participantes neste movimento denunciaram o racismo e reclamaram a igualdade racial entre “brancos” e “não brancos”. Este movimento, que começou por ter um cariz racial, acabou por plantar também as sementes da crítica à masculinidade hegemónica, definida como sendo “protagonizada pelo homem americano branco, heterossexual, protestante e de classe média” (Fonseca, 1998: 10), argumentando-se que a masculinidade e a cor da pele não são somente interdependentes, mas articuladas de tal modo que cada uma destas categorias podia ser completada em associação com a outra. Paralelamente a este movimento, estavam a ocorrer na sociedade ocidental mudanças importantes, nomeadamente ao nível das estruturas económicas e das relações sociais e de género, deixou de existir uma distinção clara dos comportamentos que até então eram considerados próprios dos homens e das mulheres (Almeida, 1995). Essas mudanças tiveram também reflexos aos níveis da intimidade e da reprodução. Inspirados na linguagem libertadora do movimento pelos direitos civis, e impulsionados pelas mudanças em curso, nas décadas de 1960 e 1970, surgem, nos Estados Unidos, o movimento feminista e o movimento gay. Estes dois movimentos estiveram por trás dos primeiros estudos sobre a masculinidade e acabaram

por contribuir para a redefinição dos papéis de género. O movimento feminista e o movimento gay lutavam para dar visibilidade às questões da opressão feminina e da discriminação dos gays e das lésbicas, respetivamente, defendendo que estes fenómenos decorriam de um sistema baseado no modelo patriarcal e na dominação masculina (Scavone, 2011). Paralelamente, acabaram por pôr em causa a masculinidade hegemónica, o patriarcado e, por conseguinte, a relação entre estes dois e o poder, questionando os pressupostos em que se baseava até então o ideal de masculinidade. Como afirma Carabí (2003), o feminismo não só ajudou as mulheres a questionar os conceitos tradicionais de feminilidade, mas também a própria divisão sexual do trabalho, pois, ao reclamar mudanças políticas e sociais, pôs em questão a maioria dos pressupostos patriarcais, contribuindo para o desenvolvimento da crítica às normas de género hegemónicas. De maneira similar, o movimento gay e lésbico moderno levou ao questionamento da heterossexualidade normativa (*idem*). Num certo sentido, gays e lésbicas uniram-se para reclamar a liberdade de orientação sexual como um direito inalienável, apelando à liberdade de escolha sexual e invalidando, desse modo, a exclusividade do modelo heterossexual normativo, um dos principais referenciais identitários de género (*idem*).

Desde finais das décadas de 1960 e 1970, os estudos sobre as mulheres, assim como os estudos gays/lésbicos/*queer*, tiveram um papel preponderante no desenvolvimento dos estudos académicos acerca da masculinidade. Alguns autores (Scavone, 2011; Fonseca, 2009) argumentam que os estudos sobre as mulheres e os estudos gays/lésbicos/*queer* deixaram de lado e intocadas as questões da masculinidade; outros defendem que foram esses estudos, que, presentes em muitas universidades criaram parte do vocabulário e das bases teóricas para a interpretação da masculinidade e para questionar as desigualdades de género, assim como o binarismo heterossexual/homossexual (Jesus, 2009). Inspirados pelos estudos feministas e pelos estudos gays/lésbicos/*queer*, os estudos sobre as masculinidades expandem-se dentro dos estudos de género (Carabí, 2003).

Ao longo dos anos, essencialmente a nível internacional, tem-se assistido a importantes avanços conceptuais no estudo das identidades masculinas, no sentido da rejeição de uma conceção de um ideal único de masculinidade e do pressuposto segundo o qual, no sistema patriarcal, não existem apenas dinâmicas de poder e relações sociais assimétricas entre homens e mulheres, mas que estas também ocorrem entre os próprios homens (*idem*). O facto de as dinâmicas de poder e as relações sociais assimétricas

também poderem acontecer na relação entre os homens vem explicar a pertinência de se falar numa masculinidade hegemónica, tido como ideal normativo dominante, que vai servir para medir, classificar e qualificar distintas formas de masculinidade.

Os estudos acerca da masculinidade surgiram, como referimos, associados, em grande parte, ao movimento feminista e ao movimento gay das décadas de 1960 e 1970. Desde então, têm vindo a assumir uma relevância acrescida, sendo objeto de estudo de diversos autores (por exemplo, Kimmel, 1987, 2005; Connell, 1995; Bourdieu, 1998; Seidler, 1997; Kimmel, Hearn e Connell, 2004; Seidler, 2005). Como sugere Hernández (2007), devido aos variados enfoques e interesses de cada investigador, as abordagens teóricas e metodológicas diferem entre si, ainda que, no geral, todos apresentem elementos empíricos valiosos sobre as masculinidades e as relações de género.

Kimmel foi um dos teóricos que deu um enorme contributo para o estudo das masculinidades. São vários os trabalhos do autor neste domínio, analisando temáticas que vão desde a análise dos homens em ambientes domésticos, aos posicionamentos masculinos e femininos no que diz respeito aos relacionamentos, raça, sexualidade e género (Kimmel, 1987). Este autor debruçou-se também sobre questões relacionadas com a construção da sexualidade masculina, analisando o impacto que aspetos como a pornografia, as fantasias e as representações que o próprio homem e os outros têm sobre o sexo têm na sexualidade masculina, concluindo que esses aspetos afetam o que os homens fazem em termos das suas práticas sexuais (Kimmel, 2005).

A nível internacional, existem vários estudos que abordam a questão da masculinidade. No entanto, denota-se uma predominância na análise dos processos de construção das masculinidades (Kimmel, Hearn e Connell, 2004; Fuller, 2001) e das identidades masculinas (Connell, 1995). Embora sejam mais escassos, alguns estudos exploram as masculinidades e a sua relação com as emoções e as relações afetivas e sexuais (por exemplo, Seidler, 1997, 2005). Para Seidler (1997), por exemplo, a construção da identidade masculina está relacionada com as relações dos homens com os seus corpos, sexualidades, vidas emocionais, sentimentos e desejos. Esta visão alerta para a necessidade de se ponderar outras questões na construção das identidades masculinas, mostrando que estas não dependem apenas das relações e interações dos homens com a sociedade e com a incorporação da ordem vigente, mas que tem também de se ter em conta fatores individuais.

A nível nacional, o panorama é bastante diferente. Os estudos sobre as masculinidades também chegaram a Portugal, só que uns anos mais tarde (Rodrigues,

2009). Foi também no âmbito das questões do género que os primeiros trabalhos sobre a temática surgiram em Portugal. Os estudos de género, em Portugal, são recentes e Amâncio (2003) explica que este facto está relacionado com a pouca visibilidade do movimento feminista nacional da década de 1970 e com o baixo nível de escolaridade da população, em geral, e das mulheres, em particular. Segundo Rodrigues (2009), o surgimento das questões do género no quadro científico nacional está associado ao reconhecimento e à contestação social das desigualdades entre homens e mulheres, que acabou por ter influência nas configurações que o campo de estudos assumiu, nomeadamente no que diz respeito à longa ausência das masculinidades enquanto objeto de estudo.

Numa análise aprofundada aos estudos que abordam diretamente questões relacionadas com o género, pode concluir-se, de acordo com Rodrigues (2009), que, no contexto nacional, estes surgem na década de 1980. Estes estudos encontravam-se associados ao desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres, que davam conta da construção das identidades femininas (Almeida, 1986) e de questões relacionadas com o feminismo (Ferreira, 1988). No início da década de 1990, surgem estudos que exploram a desigualdade entre os sexos e a discriminação das mulheres no contexto laboral (Ferreira, 1993; Amâncio, 1998). A incidência dos estudos de género nestas temáticas é, como sugere Rodrigues (2009), reflexo do enquadramento socioeconómico neste período, caracterizado pela progressiva e maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho. A partir deste período, começam a sentir-se os primeiros sinais de mudança, surgindo os primeiros estudos que abordavam, além das questões relacionadas com a desigualdade as identidades de género (Amâncio, 1998). Deu-se um aumento significativo de estudos relacionados com o género em Portugal, que se demarcaram das questões relacionadas com a família e com a desigualdade de género em contexto laboral.

Segundo Fonseca (1999), foi no final da década de 1990 que os discursos sobre as masculinidades começaram a ganhar visibilidade na sociedade portuguesa, embora grande parte dos artigos publicados fosse uma tradução ou adaptação de trabalhos publicados nos Estados Unidos, o que revelava a hegemonia da cultura norte-americana e a sensibilidade da sociedade portuguesa para estas questões. Os primeiros estudos sobre os homens, em Portugal, analisavam a sua relação com o trabalho (Guerreiro, 1998), refletindo, sobretudo, sobre os modos como o patriarcado afetava negativamente os homens. Posteriormente, começou-se a analisar os processos de produção das masculinidades (Amâncio, 2004) e as transformações ao nível das identidades de género,

desafiando as concepções mais tradicionais de masculinidade (Wall, 2007). Desde então, os trabalhos acerca do género têm vindo a aumentar em Portugal, mantendo-se, contudo, a incidência em temas como a parentalidade, a vida conjugal, a conciliação da vida familiar com a vida profissional, a coabitação, procurando compreender as transformações operadas nas práticas e nos valores sociais, bem como nas próprias identidades masculinas (Wall, Aboim e Cunha, 2010; Aboim e Wall, 2002; Aboim, 2002, 2006, Torres, 2002). Os estudos que têm especificamente os homens como objeto de estudo ainda têm pouca visibilidade. É neste sentido que Vale de Almeida (1996) alerta para a necessidade de os estudos de género se basearem na busca dos múltiplos sentidos e significados do género, chamando a atenção para a escassez de estudos que abordem questões especificamente relacionadas com a identidade masculina. Vale de Almeida (1996, 1996, 2009) é um dos investigadores portugueses que mais tem contribuído para os estudos sobre as masculinidades. Os seus estudos encontram-se muitas das vezes estreitamente relacionados com a identidade de género, abordando questões sobre a homossexualidade (Vale de Almeida, 2009, 2010, 2007) e estabelecendo relações entre esta, o casamento (Vale de Almeida, 2009, 2006) e a construção de família, ou seja, tem-se debruçado sobre as questões da homoparentalidade (Vale de Almeida, 2006, 2009). Também se tem procurado articular a identidade de género com as representações do masculino e do feminino, assim ao estudar a construção das identidades masculinas e femininas conclui-se que os comportamentos e a imagem que os homens e as mulheres transmitem de si mesmos nas suas interações sociais revelam por um lado uma assimetria nas representações do masculino e do feminino e por outro a dominação simbólica do género masculino (Amâncio, 1993). Lalanda (1989) também se debruça sobre a construção das identidades masculinas e femininas, revelando que certos modelos culturais, veiculados pela família, tem reflexo na estruturação mental das crianças influenciando o seu próprio conceito de homem e mulher, como é o caso da cultura do álcool que se é visto como uma forma de afirmação social para o sexo masculino.

Deparamo-nos com abordagens teóricas diversificadas e com contributos importantes para o estudo das masculinidades. Estas abordagens permitiram observar que os estudos sobre a masculinidade foram surgindo a par das preocupações que iam surgindo com as alterações na sociedade ocidental, tendo como consequência a alteração dos ideais de masculinidade vigentes.

## 1.2. As alterações no conceito de masculinidade

Até há uns séculos atrás, a masculinidade era um tema pouco estudado e que não suscitava grande interesse ao nível das ciências sociais. No entanto, devido a alterações que foram ocorrendo na sociedade, tem vindo a assumir uma relevância acrescida nos estudos de género. Parece, então, indubitável a necessidade de se fazer uma contextualização do conceito de masculinidade de forma a perceber as alterações que têm vindo a ocorrer e os reflexos que têm tido nas noções de masculinidade.

Até ao século XVIII, os modelos de género e sexualidade vigentes assentavam na concepção do modelo de sexo único (Laqueur, 2001 *cit in* Santos, 2010). Existia apenas um único modelo de referência – o homem (*idem*). As ciências médicas confirmavam as diferenças entre os sexos e forneciam explicações que justificavam a inferioridade da mulher (*idem*). Acreditava-se que só existia um sexo, o masculino, sendo os órgãos genitais femininos vistos como uma versão incompleta e imperfeita dos órgãos genitais masculinos (Laqueur, 2001, *cit. in* Gomes, 2006: 124). O que diferenciava o homem e a mulher não eram os órgãos genitais, mas a capacidade de gestação e a maternidade, que se assumiam como critérios universais de diferenciação dos géneros (Santos, 2010). A linguagem do corpo ditava a hierarquização das relações de género porque o facto de o modelo de perfeição ser representado pela anatomia masculina definia as mulheres como seres inferiores.

A partir do século XVIII, um conjunto de mudanças políticas, sociais e económicas levaram ao reposicionamento da mulher na sociedade. Ao reivindicar a igualdade de direitos, ela conquistou novos espaços e alargou os seus direitos sociais e políticos. Esta nova forma de pensar, aliada à queda da ideia de unicidade e perfeição do corpo masculino, possibilitaram, na passagem para o século XIX, a criação do modelo da diferença sexual (Silva, 2000). Neste modelo, tanto os homens, como as mulheres são vistos como tendo anatomias e fisiologias absolutamente particulares. O modelo dos dois sexos veio, então, permitir que se falasse distintamente do sexo masculino e do feminino, proporcionando à mulher uma posição de indivíduo e de aparente igualdade face ao homem (Santos, 2010). Estas ideias levariam, ao nível do senso comum, a pensar-se que a mulher ficou, desta forma, liberta de uma inferioridade baseada no sexo. No entanto, as coisas passaram-se de outro modo, pois continuavam a existir mecanismos que mantinham a mulher em posição de inferioridade, nomeadamente a crescente valorização

da família que a remetiam para a esfera doméstica com a obrigação de cuidar da casa e dos filhos, e ao homem cabia o dever de sustentar a família e trabalhar no espaço público; a mulher era considerada inapta para a vida pública porque isso exigiria dela autonomia, independência, força – características que eram associadas exclusivamente aos homens (Santos, 2010). Como sugere Silva (2000), o modelo dos dois sexos continuou a reproduzir o domínio do masculino sob o feminino, nomeadamente no que diz respeito à inferioridade da mulher quanto à fragilidade do corpo e ao prazer erótico. Continuou-se a reproduzir a dominação masculina; apenas mudou a conceção da mulher. No que diz respeito aos homens, a sociedade continuava a manter mecanismos que garantiam a sua superioridade e a ordem social continuava a basear-se na oposição entre o masculino e o feminino (Bourdieu, 1998).

O século XIX foi um período decisivo para o entendimento da masculinidade, pois as mudanças que ocorreram na viragem do século XVIII para o XIX acabaram por ter reflexos no ideal do homem deste tempo. Esta mudança no pensamento Ocidental conduziu a importantes mudanças ao nível do modelo de masculinidade. Foi deste modo que foram surgindo formas simbólicas e ritualizadas de masculinidade que realçavam as ideias de masculinidade dos homens vitorianos, isto é, sobrevém uma nova série de papéis e traços representativos da condição masculina, segundo os quais ser homem significava “não ser mulher, e sob hipótese alguma ser homossexual” (Vale de Almeida, 1995). Assim os modelos de masculinidade deste período definiam que ser homem:

“Encerrava-se numa polaridade negativa (não poder chorar, não demonstrar sentimentos, não ser mulher ou homossexual, não amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não ser um fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, etc.) e afirmativa (ser forte, corajoso, pai, heterossexual, macho, viril, provedor da família, dominador, destemido, determinado, autoconfiante, independente, agressivo, líder, etc.) na constituição dos traços e papéis sociais. As possibilidades descritivas encerravam-se também numa relação de ‘ter’ (força, dinheiro, músculos, um corpo definido, um pénis, um cromossoma Y, um lar, um filho homem, controlo das emoções, emprego fixo e tantas mulheres quanto fosse possível durante a vida sexual ativa) e ‘poder executar tarefas’, tais como ‘fazer um filho, ‘manter relações sexuais com várias mulheres’, ‘sair de situações difíceis’, ‘servir à pátria’, ‘sustentar a família’” (Gomes, 2006: 125).

Este ideal de masculinidade, embora tenha sofrido alterações, foi-se sustentando até aos dias atuais e os homens foram mantendo uma relação de poder sobre as mulheres. Na segunda metade do século XX, mais precisamente nas décadas de 1960 e 1970, com o movimento feminista e o movimento gay, ocorreu um conjunto de mudanças nas condições de vida das sociedades ocidentais que abalaram os modelos aceites de masculinidade. Estas mudanças passaram pelo incremento da participação das mulheres no mundo de trabalho, pela maior partilha de responsabilidade e poder entre os sexos, pela reconsideração dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres, assim como pela reprodução artificial. Um outro aspeto importante deste período para o entendimento das masculinidades diz respeito à possibilidade de escolha do parceiro sexual, que fez com que a homossexualidade passasse a ser vista como uma condição sexual particular associada a algumas pessoas (Vale de Almeida, 1995). Consequentemente foi surgindo um novo modelo de masculinidade mais adequado às características da nova sociedade, baseado:

“Na capacidade e possibilidade do homem contemporâneo demonstrar os seus sentimentos, de poder amar e emocionar-se publicamente sem constrangimento, baseado na sensibilidade ao invés da agressividade, junto à capacidade de executar tarefas domésticas, maior participação na educação dos filhos, exercício de profissões antes consideradas femininas, admitindo inclusive ganhar menos do que a sua companheira. (...) No campo da sexualidade a possibilidade de falhas no intercuro sexual seria compreensível, e ao invés de dominador o homem já admitia ser dominado, ao invés de ativo, ser passivo. As identidades sexuais alternativas, como a homossexual, a bissexual e transexual, fariam parte das subjetividades masculinas contemporâneas.” (Gomes, 2006: 127)

Assistiu-se a uma redefinição do conceito de masculinidade, no entanto de acordo com Carabí (2003) averiguamos que temos de ter em conta a existência de uma pluralidade identitária que faz com que nem todos os homens se revejam neste modelo de masculinidade. Isto porque as identidades masculinas são reflexo de uma singularidade de fatores que influênciam a sua construção, fazendo com que os homens distintamente se aproximem mais ou menos dos diferentes modelos de masculinidade.

### 1.3. A construção das identidades masculinas

Quando nos referimos ao conceito de masculinidade, somos, desde logo, confrontados com duas perspetivas: uma, que defende que a masculinidade é um dado biológico e inato (o determinismo biológico); outra, que a vê como resultante de um processo contínuo de construção social (o construtivismo). Embora distintas, estas perspetivas ajudam-nos na compreensão do que é a masculinidade.

Em traços gerais, o determinismo biológico defende que é a biologia que define, em última instância, o que é masculino e o que é feminino e que todos os comportamentos humanos se explicam com recurso à hereditariedade genética, sendo ditados pela evolução e pela necessidade de adaptação (Banditer, 1993). Contestando a primazia da explicação biológica, na década de 1980, ganham força as perspetivas construtivistas, que defendem que não existe um modelo masculino universal válido em todo o tempo e em todo o lugar (*idem*). A masculinidade é um processo plural sujeito às modificações que ocorrem na sociedade e está, por isso, constantemente sujeita a revisão. Para os construtivistas, a masculinidade não difere apenas segundo as épocas, mas também segundo as classes sociais, as raças e a idade (Astrachan, 1986 *cit in*, Badinter, 1993). A masculinidade é, então, uma construção social que reflete as ideologias dominantes numa sociedade num determinado período.

No quadro das ciências sociais, a abordagem construtivista assume uma relevância acrescida para a compreensão da construção das identidades masculinas; no entanto, não se pode descurar a importância que a biologia tem neste processo. Almeida (1995) salienta a importância de se fazer a distinção entre sexo e género, considerando que este é o ponto de partida para estudar a masculinidade, uma vez que essa separação conceptual dá a entender que o género é uma elaboração cultural do primeiro. Os traços distintamente associados ao homem e à mulher, assim como os processos naturais do sexo e da reprodução, são somente um ponto de partida para a organização cultural do género e da sexualidade, e, assim, o que o género é, o que os homens e as mulheres são e o tipo de relações que acontecem entre eles não são simples elaborações biológicas, mas sim, em grande parte, reflexo de processos sociais e culturais (*idem*).

O enunciado de Simone de Beauvoir tem sido adotado por diferentes autores para descrever a compreensão atual da masculinidade: “O homem não nasce homem, ele torna-se homem”. Se a masculinidade não é um dado meramente biológico, pode ser socialmente reconstruída, de modo que a biologia não é tomada como um destino

inexorável. Já não é a natureza dos seres que define as suas características; a explicação tornou-se cada vez mais relacional e, dessa forma, é a natureza das relações em que as pessoas participam que vai modelar a forma como elas se comportam, como se representam reciprocamente e como constroem a sua identidade (Doise, 1998 *cit in*. Badinter, 1993). Como sugere Vale de Almeida (1995), não podemos cair na ingenuidade de reduzir o que é ser homem no dia-a-dia nas suas interações sociais e nas suas construções ideológicas aos seus caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados e lembrados, isto é, em constante processo de construção.

Temos vindo a referir que a masculinidade resulta de um processo de construção social. Mas esta construção social pressupõe a existência de normas sociais que determinam a maneira como as pessoas se identificam a si e aos outros. Uma das mais fortes formas usadas para diferenciar as pessoas e torná-las parte de uma comunidade, proporcionando ao indivíduo um conjunto de códigos, características e padrões relacionados tanto com a sua natureza biológica, como com a sua identidade social, é, como sugere Araya (2011), a identidade de género. Enquanto o género diz respeito às perceções masculinas e femininas usadas para definir o que é destinado a um homem e a uma mulher numa determinada sociedade, a identidade de género refere-se, como sugere Wang, Jablonski e Magalhães (2007), aos aspetos individuais relevantes na categoria de género, que contribuem para a consciência que o indivíduo tem do próprio sexo. Concisamente a identidade de género diz respeito aos significados e traços que um indivíduo tem e representa como masculinos e femininos (*idem*: 1).

A identidade de género é incorporada nos processos de socialização e molda o comportamento dos indivíduos. Ela tende a estar em consonância com o sexo biológico do sujeito, no entanto, não se assume como uma estrutura fixa, o que faz com que, em cada momento, possa ser moldada de outras formas (Araya, 2011). É por isso que alguns autores salientam que os termos “masculino” e “feminino” podem dizer respeito a um conjunto de representações socialmente acordadas, mas que a masculinidade e a feminilidade podem ser definidas em termos mais variados e idiossincráticos (Wang, Jablonski, Magalhães, 2007; Badinter, 1993). Na sociedade, circula um conjunto de papéis sociais, isto é padrões ou regras arbitrárias que a sociedade estabelece para os seus membros e que definem os seus comportamentos, as suas roupas, os seus modos de se relacionar ou de se comportar, e, através da aprendizagem desses papéis, cada um deveria

conhecer o que é considerado adequado ou inadequado para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade (Silva, 2006).

A masculinidade é construída também através de processos de socialização. Segundo Vale de Almeida (1995), é na própria realidade social que estão inscritos e circulam os significados e símbolos culturais que operam nos discursos e práticas da reprodução das categorias de gênero e, em especial, da masculinidade. Assim, vemos que as representações sobre o gênero começam por ser evidenciados na relação com os pais, tanto através da forma como as crianças são educadas, como através da forma como essas representações são vivenciados pelos próprios pais. O tipo de homem e o tipo de mulher que o pai e a mãe são revelam os modelos de masculinidade e feminilidade que terão um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Por exemplo, a crença na superioridade masculina pode ter raízes na forma como os pais interagem e nos papéis que assumem na relação um com o outro (Nolasco, 1993 *cit. in* Wang, Jablonski e Magalhães, 2007). Segundo Nolasco (1993), todas as crianças são apresentadas a um conjunto de significados culturais, mais ou menos estereotipados e vinculados à sua formação anatômica, passando por um longo período de aprendizagem sobre o que se espera deles enquanto representantes do sexo masculino e do sexo feminino. Assim, os meninos e as meninas, nos seus processos de socialização, procurariam formas de se igualar aos indivíduos do seu sexo, assimilando valores vigentes para a versão feminina ou masculina, na mesma medida que tenderiam a afastar-se dos atributos psicossociais do outro sexo (Ericeira, 2003).

A masculinidade não se constrói e reproduz apenas pelas formas mais ou menos ritualizadas de sociabilidade e interação e pelo processo de socialização na família. Há vários momentos decisivos na vida dos meninos no percurso de estruturação das suas identidades adultas. Segundo Ericeira (2003), o menino aprende a ser homem através de parâmetros negativos: um “homem não chora, não mostra as suas fraquezas”. Ele ouve estas afirmações nas suas primeiras interações sociais no seio da sua família. Para Banditer (1993), a estruturação da identidade masculina adulta passa pela separação da mãe, pela distinção entre os seus corpos e o feminino e a prova de que não são gays. A estruturação da identidade masculina sofre também influências do ideal patriarcal. Essa influência é visível por um lado no peso que a virilidade tem na construção dos modelos de masculinidade e que vem dando origem a um processo de socialização opressivo e estereotipado, através do qual o menino aprende a ignorar as suas necessidades afetivas, desvalorizando aquilo que sente e ignorando os seus desejos mais íntimos, e por outro

lado na importância atribuída ao trabalho que se assume como a principal maneira de inserção no mundo público e, portanto, um dos pilares sobre o qual se ergue a identidade masculina tradicional (Wang, Jablonski e Magalhães, 2007). Wang, Jablonski e Magalhães (2007), salientam que o ideal patriarcal teve sem dúvida influência sobre o modelo ocidental de masculinidade, fazendo com que o desempenho profissional e sexual se tornasse a principal referência para a construção do ideal de comportamento masculino.

Além do modelo de virilidade e do trabalho, o reconhecimento da masculinidade está também subjugado à necessidade interna de sentir e agir como homem, incluindo o controlo das emoções e do próprio corpo. Neste sentido, Wang, Jablonski e Magalhães (2007) alertam para o facto de o controlo emocional e corporal levado ao extremo culminar numa espécie de embotamento afetivo, restringindo ao órgão sexual as inúmeras possibilidades do prazer masculino e, por essa razão, a sexualidade masculina sofre também um empobrecimento. Isto explicaria a frequente obsessão dos homens com as dimensões do pénis, bem como com a quantidade das suas ereções.

Como temos vindo a observar, muitos dos estudos sobre os homens e as masculinidades são meramente descritivos, encarando as masculinidades como resultado de uma construção social que sofre influências do modelo patriarcal. Mas como sugerem Jablonski e Magalhães (2007) são raras as vezes que se vai mais além do que explicar que a masculinidade além de fortemente relacionado com o modelo de virilidade e do trabalho está subjugado à necessidade de agir e sentir como um homem, incluindo o controlo das emoções. Pelo que se torna pertinente de acordo com Seidler (1997) pensar numa nova forma de investigação onde se recolha os aspetos emocionais que até então têm sido deixado de lado nos estudos sobre as masculinidades.

Torna-se necessário ter em conta o que os homens pensam e sentem acerca de si mesmos. De modo a possibilitar um conhecimento mais aprofundado acerca das masculinidades e a entender os fatores que têm influência no percurso individual de cada sujeito na construção da sua identidade de género.

#### **1.4. Os diferentes tipos de masculinidade**

Connell (1995: 188) define a “masculinidade como uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de género” e, ao chamar a atenção para o facto de haver “mais de uma configuração deste tipo em qualquer ordem

de género numa sociedade, conclui que se deve falar em ‘masculinidades’ ao invés de ‘masculinidade’ ”, pois, em cada momento, é possível identificar um ideal cultural de masculinidade que se sobrepõe às restantes numa posição de domínio – a masculinidade hegemónica. Connell (1995) explicita os termos da sua definição referindo que, quando fala em “configuração prática”, pretende colocar ênfase naquilo que as pessoas realmente fazem, não no que é esperado ou imaginado. Quando se refere à “prática” é no sentido de enfatizar que a ação formadora da masculinidade tem uma racionalidade e um significado histórico definidos; quando fala na “posição dos homens” refere-se às relações sociais e corporais, sem excluir a carga simbólica e física da corporalidade dos homens na formação da masculinidade; por fim, quando se refere à “estrutura de relações de género” refere-se à economia, Estado, família, sexualidade, política, nação.

A masculinidade hegemónica é um ideal cultural de masculinidade. É um conceito que se tornou importante no estudo sobre masculinidades, pois diz respeito aos homens cujas representações e práticas são vistas como referência legítima para a vivência do masculino. A masculinidade hegemónica assume-se como um elemento central numa ordem de género específica (o patriarcado), definindo a inferioridade do feminino e subordinando as restantes masculinidades (Vale de Almeida, 1995).

A hegemonia diz respeito à dominação cultural na sociedade como um todo, o que pressupõe que existam relações de género específicas de dominação e subordinação entre grupos de homens. A mais evidente e a que corresponde à masculinidade subordinada, diz respeito ao domínio dos homens heterossexuais e à subordinação dos homens homossexuais, que não se restringe a uma estigmatização, mas se exprime em práticas concretas nas quais se incluem violência legal, exclusão cultural e política, discriminação económica e ataques pessoais (Connell, 1995; Díaz e Morais, 2011; Saavedra, 2010). A cada tipo de masculinidade estão associados um conjunto de características e um vocabulário distintivo que são bem evidenciados por Connell (1995). Neste caso, vemos que, simbolicamente, os gays são excluídos da masculinidade hegemónica devido a aspetos que variam desde o gosto exigente na decoração da casa ao prazer anal recetivo. De acordo com os padrões da masculinidade hegemónica, a homossexualidade está muito próxima da feminilidade, o que explica a violência de que são alvo estes homens por parte daqueles que se posicionam numa masculinidade hegemónica.

A masculinidade gay é a masculinidade subordinada mais visível. No entanto, não é a única, pois alguns homens heterossexuais são também expulsos desse círculo de legitimidade. Neste caso, o processo é marcado por um vocabulário vasto: “covarde”,

“maricas”, “meninos da mamã”, estando também presente a ligação com a feminilidade (*idem*).

Por sua vez, há também uma masculinidade cúmplice – a que abrange o maior número de homens, pois, como evidencia Connell (1995), poucos homens encarnam totalmente o padrão da masculinidade hegemónica. Embora a maior parte dos homens retire proveitosos benefícios da subordinação do sexo feminino, não se confronta com os riscos de assumir a liderança do sistema patriarcal. Assim, a masculinidade cúmplice faz referência, por exemplo, aos homens que ao invés de terem uma atitude dominante e uma exibição incontestável da autoridade, estabelecem relações com a paternidade, com o casamento, com a vida em comunidade, envolvendo-se, muitas vezes, em compromissos amplos com as mulheres. São homens que respeitam as suas esposas e mães, fazem a sua parte do trabalho doméstico, trazem para casa o salário.

Finalmente, a masculinidade marginalizada, que, contrariamente às anteriores, não diz respeito às relações internas da ordem de género, mas à ligação do género com outras estruturas sociais, nomeadamente a classe e a etnia/raça. Assim os homens que não se enquadrassem nos pressupostos da masculinidade hegemónica dos grupos dominantes, isto é, os homens que não fossem brancos e de classe média e alta estariam em situação de marginalidade. No entanto Connell (1995) chama a atenção para o facto de este modo de colocar a questão não significar que exista uma identidade fixa associada à classe média e outra identidade fixa associada à classe trabalhadora. Connell (1995) salienta que as relações raciais podem tornar-se uma parte integrante na dinâmica entre as masculinidades porque, num contexto de supremacia branca, as masculinidades negras podem desempenhar papéis simbólicos para a construção do género dos brancos – por exemplo, os desportistas negros que são considerados estrelas tornam-se exemplares de dureza masculina.

O conceito de masculinidade hegemónica foi alvo de algumas críticas. Uma delas prende-se com o facto de ser definida, essencialmente, em termos macroestruturais, sendo necessário relacionar as relações de poder a nível macro com as experiências individuais de cada homem (Diaz e Morales, 2011). Outra crítica é feita por Fialho (2006), que refere que o modelo de Connell pode ser reduzido, sem grandes perdas, a um modelo binário, onde, de um lado, teríamos masculinidades hegemónicas e, do outro, não hegemónicas. Assim, teríamos dentro das masculinidades não hegemónicas as masculinidades subordinadas e marginalizadas, juntamente com as masculinidades cúmplices, que, embora fora da posição de hegemonia, também ambicionam reivindicar os seus valores.

Embora Connell (1995) se preocupe em distinguir diferentes tipos de masculinidade e essa distinção possa ser útil, o facto de classificar uma delas como “hegemónica” faz com que as demais sejam excluídas de qualquer posição de predominância.

Seidler (2005) defende que o modelo de Connell assente na masculinidade hegemónica e nas relações de patriarcado e de poder não tem em conta a vida emocional dos homens ao excluir os sentimentos pessoais na construção da masculinidade.

Nos últimos anos, são vários os autores que se têm debruçado sobre o conceito de masculinidade hegemónica e chegado a inúmeras conclusões, nomeadamente o facto de os mesmos homens poderem adotar a masculinidade hegemónica quando lhes interessa e distanciarem-se dela noutros momentos falando também de um processo de hibridação onde a masculinidade hegemónica pode mudar incorporando elementos de outras masculinidades (Wetherell, Edley, 1999).

A masculinidade é, então, um conceito de difícil definição, pois pode variar não só de homem para homem, de acordo com as suas características, nomeadamente de acordo com a sua orientação sexual, raça, classe social, mas também através do tempo e das circunstâncias culturais. Tudo leva a crer que existe uma interação dinâmica entre diversas formas de ser homem. O que pretendemos então com a abordagem das diferentes masculinidades não é alertar para o facto da existência de uma masculinidade hegemónica que mantém uma relação de domínio sobre as restantes, é reunir representações que nos permitam determinar diferentes tipos de masculinidade e através delas estabelecer uma relação com diferentes práticas de intimidade.

## Capítulo 2. Transformações na intimidade masculina

As questões relacionadas com a intimidade têm suscitado o interesse e a atenção de cada vez mais investigadores. A intimidade é um conceito de difícil operacionalização devido aos múltiplos discursos que sobre ele se produzem. Para alguns autores a intimidade envolve a proximidade em relação ao outro, assumindo-se como uma das principais componentes de uma relação interpessoal próxima (Melo, 2004; Moreira, Amaral, Canavarro, 2009). A intimidade é um conceito multidimensional e de acordo com Moreira, Amaral e Canavarro (2009) geralmente está associada ao amor e ao afeto permitindo que os indivíduos expressem os seus sentimentos e pensamentos livremente pressupondo que estes serão aceites e compreendidos pelo outro no estabelecimento de uma relação íntima. A relação íntima diz respeito à partilha de experiências íntimas em diferentes domínios de intimidade e pela expectativa que essa relação e essa partilha persistirão ao longo do tempo (idem).

Podemos falar em tipos diferentes de intimidade, por exemplo, intimidade intelectual, intimidade social, intimidade espiritual. Neste trabalho quando falamos em intimidade, analisamos a intimidade no que diz respeito ao amor, à paixão, às emoções, ao compromisso e à sexualidade. As práticas de intimidade e as relações de intimidade são, como sugerem Medrado *et al.* (2010), socialmente reguladas. É possível encontrarmos variadas formas de se vivenciar a intimidade, quer de época para época, quer de cultura para cultura, tornando-se deste modo necessário situar as várias expressões de intimidade num contexto cultural e num espaço temporal. As diferentes formas de vivenciar a intimidade são analisadas sobretudo na ótica do género, associando umas formas de manifestação da intimidade às mulheres, e outras aos homens. As sociedades ocidentais têm passado por um conjunto de modificações estruturais, ao nível dos costumes e comportamentos dos indivíduos, que têm vindo a modificar a divisão de papéis e as relações de poder entre os homens e as mulheres. O facto de as relações entre homens e mulheres não serem hoje o que eram há uns séculos atrás acaba por se refletir nas relações de intimidade. Segundo Aboim (2009), temos vindo a assistir a uma mutação de valores no que diz respeito à sexualidade, à vida privada e às mulheres, o que faz com que haja modificações na vivência das relações afetivas, e particularmente do amor face às gerações precedentes. Daí o interesse em aprofundar um campo de estudos que durante vários anos foi deixado para trás, a intimidade.

No início do século XX, o facto de o homem deter uma autoridade inquestionável fazia com que a mulher lhe estivesse submissa impedindo desta forma que se estabelecesse entre eles uma relação de intimidade, pois como sugere Giddens (1993) a intimidade está ligada à possibilidade de negociação de laços pessoais de igual para igual. No entanto nos anos de 1960 e 1970 os movimentos feminista e o movimento gay e lésbico ao lutarem pelo reconhecimento dos seus direitos, acabaram por trazer grandes mudanças ao nível da intimidade. Isto porque, a mulher passou da posição de objeto para a de sujeito, o que no entender de Castiel (2007) levou ao desembocar da libertação sexual.

Os discursos sobre a intimidade, que habitualmente se focavam como sugere Vale de Almeida (2006) numa oposição entre o masculino e o feminino, segundo o qual as emoções e os sentimentos eram domínios associadas às mulheres e a racionalidade aos homens, começaram a ser postos em questão surgindo deste modo novas formas de se contemplar a intimidade, nomeadamente a nível da intimidade masculina. Pois estas novas formas de contemplar a intimidade foram surgindo ao mesmo tempo que iam aparecendo novos modelos de masculinidade que se afastavam do modelo tradicional de força e negação de sensibilidade passando a valorizar a sensibilidade (*idem*).

Apesar de todas as alterações que foram ocorrendo na sociedade e nos comportamentos, o modelo de virilidade e de trabalho continuam a refletir a sua influência na vivência das relações íntimas, sobretudo no que diz respeito à relação entre homens e mulheres. Essa influência é visível pelo facto de limitarem como referem Wang, Jablonski e Magalhães (2007) as possibilidades de realização existencial do homem à esfera do trabalho, ao acumulo de dinheiro e de património, ao desenvolvimento intelectual, voltado para o aprimoramento profissional e uma vida sexual tão intensa quanto possível. Assim verificamos que por um lado operaram mudanças que fizeram com que a sensibilidade e as emoções passassem a incorporar os modelos atuais de masculinidade mas que houve resistências por parte de alguns homens em se libertarem dos ideais patriarcais. Verificamos também que as mudanças ocorridas nos papéis femininos e masculinos têm contribuído para que a mulher conquiste novos espaços e que alguns homens aprendam a falar sobre os seus sentimentos e as suas relações afetivas. Isto leva-nos a ir de encontro a Santos (2010), quando chama a atenção para o facto de haver uma coexistência entre o modelo tradicional de homem e os novos modelos de masculinidades assentes na sensibilidade, companheirismo, afetividade.

## 2.1. As emoções, o amor e a sexualidade no masculino

Na sociedade ocidental atual, o amor é uma preocupação central para a realização pessoal. Mas nem sempre foi assim. Pois tal como evidencia Torres (1987) embora o sentimento amoroso seja quase eterno ou universal naquilo que ele contém, as formas e as categorizações próprias do amor dependem de códigos e da semântica de cada época específica. Na Idade Clássica e até ao século XII, o amor não era assunto que preocupasse grandemente os indivíduos, sendo concebido como um prazer e a paixão como uma “doença frenética” (Rougemont, 1982 cit in Carvalho, 1999). No que diz respeito ao casamento, como elucidada Carvalho (1999), era visto como um ato e um direito civil, e não assentava nos mesmos ideais que lhe reconhecemos hoje, como por exemplo a indissolubilidade e consentimento recíproco dos indivíduos, pois a escolha do cônjuge era feita através do consentimento entre duas famílias e não entre duas pessoas, o casamento era um negócio com interesses económicos nomeadamente a junção de património. Normalmente eram os filhos primogénitos que casavam, pois era nas mãos destes que se entregava a fortuna familiar, impedindo a diversificação da linhagem em cada geração, ficando os irmãos mais novos condenados ao celibato (*idem*). Neste período a diversidade sexual era considerada como uma necessidade para a saúde física dos homens, pelo que geralmente era aceite que um homem se envolvesse em múltiplos encontros sexuais antes do casamento, e a vida dupla depois dele era também um fenómeno muito real (Giddens, 1993). Os homens deste período violavam plebeias, consolavam as viúvas e gastavam os prémios dos torneios com prostitutas (Carvalho, 1999). Era recorrente até ao século XII a devolução das mulheres, quando estas demoravam a dar à luz o que poderia por em causa a fertilidade do homem, ou quando o marido encontrava um partido melhor, mas esta prática era condenada pela moral eclesiástica pois a castidade era muito valorizada e o modelo de perfeição feminina assentava essencialmente na virgindade que só devia ser perdida depois do casamento (*idem*).

Até ao século XVIII como sugere Carneiro (1998) prevaleceu, no mundo ocidental, uma diferença entre o amor no casamento e o amor fora do casamento. Neste período o amor, salvo raras exceções, nunca era um amor conjugal. Mas por volta do século XVIII, a difusão da doutrina cristã, ajudada pelas mudanças económica, social e política, tiveram implicações profundas no casamento, que deixou de assentar no consentimento de duas famílias para assentar no consentimento de duas pessoas. Aos

poucos vai-se constituindo um novo ideal de casamento nas sociedades Ocidentais, que impõe que os cônjuges tenham expectativas a respeito do amor. O erotismo extraconjugal entra no casamento e assim o amor paixão passa a ser visto como modelo. O modelo do amor-paixão pressupõe “um amor que não procura a realização do desejo através da união dos corpos, pelo contrário, recusa-a, pois aquilo que é amado não é o outro, mas a própria ideia do amor” (Carvalho, 1999). Grossi (2009) associa o amor paixão ao amor platônico, e refere que neste modelo de amor não existe o projeto de sexualidade, nem o desejo de os corpos se encontrarem, pois o importante neste modelo de amor é precisamente a ideia de ser um amor impossível e irrealizável. No amor-paixão a castidade continuava a ser importante, e no contexto do casamento persiste a mesma lógica de castidade, os esposos devem eximir-se do prazer sexual e a sexualidade era apenas praticada com fins de procriação (Carvalho, 2009). Defrontavam-se desta forma a moral laica que exaltava o amor paixão e desprezava a sexualidade e o casamento, e a moral cristã que institui o casamento como sacramento no qual a sexualidade é rigorosamente regulada. Carvalho (2009) salienta que esta contradição ainda persiste nos nossos dias e é responsável pelo comportamento moral e religioso do homem moderno. Isto porque por um lado o indivíduo na sociedade ocidental atual, é educado na ideia do casamento cristão com as suas características de fidelidade e consentimento mútuo, por outro lado o indivíduo moderno acha-se envolto numa atmosfera romântica onde a sociedade, de forma mais ou menos explícita fá-lo acreditar que a paixão é condição fundamental para a felicidade, levando o sujeito a escolher o outro com base no ideal da paixão, mitificando-o, e esquecendo-se que as características que presidem à valorização e escolha do outro tendem a alterar-se com o tempo, o que coloca em risco a ideia de estabilidade que define o casamento (Giddens, 1993).

O século XVIII constituiu também um marco importante no que diz respeito às emoções (Bonelli, 2003). Até ao XVIII as emoções não estavam associadas a nenhum dos géneros em particular, e eram até exigidas em determinadas circunstâncias consideradas dramáticas, Grossi (2009) dá o exemplo do teatro onde as lágrimas eram obrigatórias pois a estrutura narrativa das histórias obrigavam os homens e as mulheres a chorarem.

O modelo do amor-paixão vai servir de base, para que no século XIX surja um novo modelo de amor, o amor romântico, presente até hoje implicando corpos que se vão encontrar, mostrando sexualidade e sexo, e assente numa paixão como um sentimento tão forte que extrapola a vontade do indivíduo (Grossi, 2009).

Para Giddens (1993) o amor romântico que se consolida no século XIX é de alguma forma um amor que implica na sua essência uma desigualdade de gênero, pois para ele, no amor romântico os homens e as mulheres não se colocam da mesma forma na relação. Enquanto as mulheres dão mais importância ao compromisso, à manutenção do sentimento e à troca emocional, para os homens, bastaria o encontro sexual. Para Grossi (2009) no amor romântico é a mulher que se vai entregar totalmente à relação e o homem vai, na medida do possível, garantir a sua vida sexual também fora do casamento. Para Giddens (1993) o amor romântico significou para os homens uma separação do conforto da esfera doméstica da sexualidade da amante ou da prostituta. A mulher tem de ter apenas um homem, porque quando se apaixona, apaixona-se somente por um homem e vai ser com ele que vai casar e ficar o resto da vida, apaixonada, envolvida, entregando-lhe o seu amor, no entanto nada impede o homem casado de ter uma amante, duas ou três. A mesma autora refere ainda que neste modelo de amor romântico cabe à mulher assegurar a parte emocional e afetiva tanto pelos filhos como pelo marido, enquanto o homem é de alguma forma incapaz emocionalmente, não conseguindo expressar as suas emoções. Assim percebemos que contrariamente ao que acontecia até então, no século XIX, com o romantismo, a expressão dos sentimentos deixou de ser bem vista para os homens passando a ser apenas estimuladas para as mulheres (Grossi, 2009). Era difícil neste período ver os homens a expressar as suas emoções, pois elas passam a ser algo exclusivo para as mulheres. Foi então que começaram a circular práticas, valores e normas na própria realidade social que permitiram averiguar que determinadas identidades e práticas são mais ou menos aceites do que outras.

O modelo de amor romântico parece não estar tão ligado às novas masculinidades características das sociedades contemporâneas, pois, contrariamente ao que acontecia no século XIX, em que os homens eram excluídos do mundo das emoções, hoje, as emoções são parte integrante de alguns modelos de masculinidade.

A nova configuração nas sociedades ocidentais, nomeadamente no que diz respeito ao estatuto social das mulheres, e as transformações no sentido da exigência de homens e mulheres partilharem relações íntimas igualitárias, faz com que se assista, sugere Giddens (1993), à emergência de um novo projeto amoroso: o amor confluyente, ou plástico. As relações presumem a igualdade na dádiva e contra dádiva emocionais, sendo este um dos princípios em que assenta o amor confluyente, que se assume como um ideal numa sociedade onde quase todas as pessoas têm a possibilidade de se realizarem sexualmente (*idem*). No amor confluyente o casamento é igualitário: os dois têm que

sustentar a relação. Para isto, é essencial a troca emocional e sexual, ou seja, o parâmetro do modelo de relacionamento moderno é a entrega igual dos dois parceiros.

Giddens (1993) dá o exemplo das relações homoeróticas, isto é entre indivíduos do mesmo sexo, para referir que é nestas relações que o amor confluyente se realiza de forma mais acabada e mais pura. As relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo vão trazer modelos inovadores para as práticas afetivas, sexuais e emocionais contemporâneas, não apenas homoeróticas mas também heterossexuais uma vez que estes indivíduos não vêm o casamento como desejo familiar e de reprodução social e humana. No amor confluyente a sexualidade é liberta da sua característica de reprodução. À sexualidade descentrada e liberta das necessidades de reprodução Giddens (1993) dá o nome de sexualidade plástica, pressupondo que esta enquanto característica de personalidade liberte a sexualidade da dominação do falo, isto é, a sexualidade passa a ser libertada da importância da experiência sexual masculina.

A emergência da sexualidade plástica foi crucial para a reivindicação feminina do prazer sexual e para a emancipação da “relação pura”. Ligado ao amor confluyente, a “relação pura”, é o tipo de relação presente nas gerações mais recentes (Giddens, 1993). O relacionamento puro é um relacionamento centrado no compromisso, na confiança e na intimidade, de modo a que os parceiros tenham garantias da estabilidade do relacionamento ao mesmo tempo que se espera que este dure apenas enquanto for satisfatório para ambas as partes. A “relação pura” presume maior equilíbrio das relações de género, caracteriza uma parceria cujo foco é a relação e o respeito mútuo, promovendo a democratização das relações pessoais (Bertoldo e Barbará, 2006). Esta conceção de intimidade tem vindo a ganhar relevância nas sociedades Ocidentais.

Quando falamos em sexualidade temos de a situar dentro de um determinado contexto, porque o que o sexo é para um determinado grupo não o é necessariamente para outro. A própria sociedade determina diferentes formas de se falar na sexualidade, e cria posições face ao sexo diferentes para homens e mulheres, o que nos leva a salientar o facto de que os homens e as mulheres não experienciam a sexualidade do mesmo modo. Quando o homem e a mulher falam de sexo, não falam do sexo no mesmo sentido nem da mesma maneira. Neste sentido Leal e Knauth (2006) referem que enquanto os discursos femininos se centram na contextualização afetivo-romântica das suas relações, os discursos masculinos enfocam a capacidade técnica-corporal para o desempenho do ato sexual. No caso dos homens, a sexualidade aparece despida de expectativas românticas, a sexualidade masculina pertence ao domínio da corporalidade ou figura na

representada subalternidade dos sentimentos aos desígnios e pulsões corporais – do sexo (*idem*). Assim vemos que o corpo masculino age de acordo com aquilo que é percebido como socialmente legítimo e constitutivo da própria identidade masculina.

A primeira relação sexual masculina é pensada como um momento de aquisição e conhecimento de uma técnica corporal, como passagem à vida adulta e como um momento fundamental de instauração do ser homem, pois é vista como uma parte integrante de um processo através do qual o jovem se integra na fase adulta da vida (*idem*). A primeira relação sexual marca um momento de transição nas trajetórias de vida masculinas. Quando se trata da primeira relação sexual os homens centram-se na descrição técnica, por assim dizer do ato: local, duração, posições, e o tipo de vínculo estabelecido com a parceira é de um modo geral mencionado brevemente. Por sua vez as narrativas femininas enfatizam a descrição do contexto afetivo em que se deu a iniciação sexual, falando do relacionamento, do namoro, do afeto e do parceiro (*idem*).

O modelo de masculinidade hegemónica tem um papel preponderante no padrão de relacionamento entre os homens, e faz com que o peso simbólico da iniciação sexual masculina não possa ser diminuído no que diz respeito à constituição de uma identidade masculina. O modelo de masculinidade hegemónica tem também um peso preponderante na sexualidade masculina que se reflete na não admissão de falhas no decorrer do ato sexual, que pode trazer consequências funestas para o desenvolvimento do homem enquanto tal, pois o homem vem sendo criado numa sociedade em que a virilidade é muito valorizada, e em que se não lhe é admitido falhas no ato sexual.

Para Heilborn (1998) as correlações entre atividade sexual e género masculino são particularmente proeminentes na construção da imagem de si enquanto homem. Para alguns homens a iniciação da atividade sexual significa uma mudança de *status* e a percepção de serem homens. A iniciação sexual é assim um dos apanágios de uma identidade de não mais criança e integra-se no processo de constituição da masculinidade adulta. Para alguns homens o sexo tem como marca fundamental a penetração (*idem*).

Ultimamente as significativas mudanças nas relações de género e a perda relativa do valor alocado sobre a virgindade feminina refletem-se na aproximação do calendário da iniciação sexual de homens e mulheres, e também numa alteração na forma como os rapazes vêm a figura da sua parceira, que se tem tornado a namorada e não mais uma relação eventual.

Parecem persistir diferenças de género na forma como as relações íntimas são percecionadas. Entre as mulheres, o que é aprendido como amor agrega,

fundamentalmente, o erotismo, a alegria e a amizade. Já para os homens, a relação de namoro não é necessária para o encontro sexual e a experiência sexual não pressupõe o vínculo afetivo (Bertoldo e Barbará 2006). Na verdade, os homens buscam afirmar-se enquanto indivíduos perante os outros com a experiência da sexualidade (Araújo, 2003 cit in Bertoldo e Barbará, 2006).

Pode-se, assim, perceber, de acordo com Bertoldo e Barbará (2006), o quanto as relações íntimas contemporâneas são pensadas com base em representações compartilhadas e, apesar de homens e mulheres conservarem papéis sociais específicos da sua cultura, sustentam globalmente uma representação das relações íntimas mais ligadas à parceria e à amizade, revelando um pacto de mutualidade que dura enquanto a relação satisfizer a ambos. Esta visão contrapõe-se à ideia de amor romântico, segundo o qual existiria uma pessoa “certa” que se deveria amar eternamente.

No que diz respeito ao amor, podemos salientar algumas particularidades que geralmente lhe estão associadas. Atualmente quando falamos em amor é comum subentender-se que este está relacionado com a paixão, o compromisso, o namoro, o casamento. No entanto é sabido que na vivência da intimidade de cada sujeito em particular, o peso que é dado a cada uma destas características pode variar muito consoante um conjunto diversificado de fatores. Desde logo o facto de ser homem ou mulher, porque como temos vindo a observar até então para a mulher o amor é algo que é essencial para esta se sentir realizada, e a passagem pela fase da paixão, do compromisso e do namoro são fundamentais para chegar até ao casamento, que assume um peso muito importante na vida de uma mulher. No caso dos homens, fruto das influências que o modelo patriarcal teve na construção da intimidade masculina, o homem tem uma forma diferente de se posicionar face ao amor. O amor é algo que subentende algum tipo de sentimento, e como tal os homens inibem-se muitas vezes de o demonstrar. É como se o amor fosse algo que na relação estivesse ao encargo da mulher, e o homem assumia apenas o papel que de acordo com os modelos da sociedade patriarcal lhe estavam subentendidos, o homem devia casar e ter filhos para assim dar prova da sua masculinidade, não estando o casamento por exemplo tão ligado ao amor e à paixão como no caso das mulheres

A questão da fidelidade é outro fator que nos importa abordar ao falarmos das questões da intimidade. Isto porque observamos que a fidelidade é algo que é valorizado entre as mulheres, talvez reflexo dos ideais que foram passando ao longo dos anos na nossa sociedade em que uma das qualidades da mulher era a sua virgindade que só devia

de ser perdida depois do casamento, e devendo a mulher ter apenas um homem em toda a sua vida. No entanto vemos que no caso dos homens a fidelidade é algo que parece não fazer parte dos modelos de intimidade masculina. Já desde a Idade Clássica que se verifica que era comum os homens terem amantes. No nosso entender, essas práticas estão de tal forma enraizadas no pensamento do homem ocidental que tem acabado por ter reflexos na atualidade. O mesmo acontece com a questão da virgindade feminina, que continua a ser uma característica muito valorizada por parte de alguns homens.

## **2.2. A intimidade e os diferentes tipos de masculinidade**

É possível estabelecer uma relação entre diferentes tipos de masculinidade e a vivência da intimidade, isto é entendemos que cada tipo de masculinidade tem formas diferentes de expressão da intimidade.

O modelo de masculinidade hegemónica de acordo com os pressupostos de Connell (1995) aproxima-se em algumas dimensões do modelo tradicional de masculinidade sugerido por Gomes (2006), nomeadamente na conceção de homem e no peso que a dominação tem nestes modelos de masculinidade. Estes dois modelos aproximam-se também do ideal do homem patriarcal. Estes modelos de masculinidade que são caracterizados por uma forte dominação levam a que a relação que se estabelece entre o homem e a mulher seja uma relação de submissão. Ao termos em conta que a intimidade, tal como sugerem Moreira, Amaral e Canavarro (2009), é um conceito associado ao afeto e ao amor pressupondo a proximidade em relação ao outro e a aceitação da expressão de sentimentos, contemplamos que os modelos masculinidade onde a dominação está presente restringem o estabelecimento de uma relação de intimidade com as mulheres. A sobreposição do homem face à mulher revela que estes modelos se caracterizam por uma desigualdade de género. Esta desigualdade de género que está implícita nestes modelos de masculinidade levam-nos a aproximá-la dos ideais do amor romântico que de acordo com Giddens (1993) é também caracterizado pelo homem se posicionar de forma diferente da mulher na relação. Nos modelos de amor românticos os homens não devem expressar as suas emoções e é salientado a sua ligação com a atividade sexual dentro e fora da relação. Vemos que a conceção de amor romântico de Giddens (1993) tem na sua essência algumas das características do homem típico dos modelos de

masculinidade sugeridos por Gomes (2006) sobretudo no que diz respeito ao controlo das emoções e ao estabelecimento de relações sexuais com várias mulheres.

A nova configuração das sociedades ocidentais, nomeadamente as que levaram à reconsideração dos papéis dos homens e das mulheres na sociedade, não vieram só trazer mudanças nos modelos até então aceites de masculinidade, elas alteraram de igual modo a forma como a intimidade era vivenciada até então. Assim os modelos de masculinidade contemporâneos passaram a assentar noutro tipo de pressupostos que permitiam que a intimidade fosse vivenciada de forma mais igualitária. Os novos modelos de masculinidade, nomeadamente a masculinidade cúmplice, subordinada e marginalizada, estão mais próximos dos ideais do que Giddens (1993) denominou de amor confluyente e de relação pura. Como sugere Gomes (2006) os modelos contemporâneos de masculinidade passam a considerar as emoções como algo que também aos homens diz respeito, e que lhes passa a ser exigido. Assim nos modelos contemporâneos de masculinidade os homens passam a ver a mulher cada vez mais como igual a si, tendo os mesmos direitos e deveres numa relação (*idem*). De acordo com Gomes (2006) nos modelos contemporâneos de masculinidade os homens passam também a ver a sexualidade de outra forma, indo de encontro a Giddens (1993) quando refere que nos modelos de amor confluyente o prazer deixa de ser algo que está reservado somente aos homens podendo qualquer pessoa realizar-se sexualmente.

As identidades sexuais alternativas, como é o caso dos homossexuais, passaram a ser consideradas como parte subjetiva das masculinidades contemporâneas (Gomes, 2006). Segundo Connell (1995) podemos enquadrar os homossexuais nos pressupostos da masculinidade subordinada, embora estes não sejam os únicos que se enquadrem nos pressupostos da masculinidade subordinada. Giddens (1993) considera que é nas identidades sexuais alternativas, mais precisamente nos homossexuais que o amor confluyente se realiza plenamente, pois estes indivíduos não vêm o casamento como uma forma de construir uma família ou de terem estatuto social e humano, mas vivem a intimidade em pleno, com entrega igual dos dois parceiros.

Verificamos que nas masculinidades subalternas – cúmplice, marginalizada e subordinada – as formas de expressão de intimidade acabam por demonstrar bastantes semelhanças entre elas. Contudo, salientamos o facto de estes não serem padrões rígidos, e que dentro dos padrões individuais podemos encontrar diferentes variações no que concerne à vivência da intimidade.

### Capítulo 3. Estratégia Metodológica

Nos capítulos anteriores, procurámos analisar a forma como as alterações que ocorreram na sociedade ocidental tiveram reflexos nos modelos de masculinidade, centrando-nos, posteriormente, nas questões da intimidade. Assim, verificámos que o facto de existirem vários tipos de masculinidade se traduz em diferentes formas de os homens conceberem não só as suas identidades de género, mas também as suas práticas. O objeto teórico desta investigação foram as representações que os homens têm das múltiplas expressões da intimidade, desde o amor, às emoções e à sexualidade. Atendendo ao facto de, em Portugal, ainda se carecer de estudos que abordem especificamente as masculinidades, esta investigação tem como objetivo contribuir para uma melhor compreensão das masculinidades. Mais especificamente, os objetivos desta investigação foram os de compreender a relação entre masculinidades e intimidade; identificar as formas como os homens se posicionam face ao compromisso amoroso; identificar as representações dos homens acerca da sexualidade e a sua relação com a sua identidade de género.

Tendo em consideração o fenómeno a ser estudado, e atendendo aos objetivos específicos da investigação, optámos por uma metodologia de carácter eminentemente qualitativo, pois entendemos ser esta a forma mais adequada de obter um conhecimento mais aprofundado sobre a intimidade masculina, uma vez que permite obter detalhes sobre os fenómenos que são difíceis de alcançar através de uma metodologia quantitativa. Apostou-se, assim, numa “investigação mais rica, que potencia a exploração e identificação de conceitos num ambiente de forte interação, onde a compreensão das necessidades, motivações e comportamentos dos participantes são bastante valorizados” (Pascoal, 2010: 22).

Optámos por uma metodologia de cariz qualitativo ao invés de uma metodologia quantitativa atendendo ao facto, como refere Brandão (2007), de que existem certos temas que, pelas suas características, não podem ser estudados de outra forma, pois as características que se pretende alcançar condicionam, desde logo, a metodologia e as técnicas passíveis de ser usadas, e porque não é possível estabelecer com segurança os limites de certos universos, tanto em termos da sua extensão, como da sua composição.

Quanto ao método, optámos pelo estudo de casos, pois este assumiu-se como o mais adequado para compreender de forma mais aprofundada um fenómeno complexo e multifacetado como a masculinidade (Greenwood, 1995). Alguns autores privilegiam os

estudos de casos por estes permitirem explorar, descrever e explicar; outros, porque permitem relatar os factos como sucederam, descrever situações ou factos, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar relações e efeitos presentes no caso (Greenwood, 1965; Becker, 1994). A nossa escolha prendeu-se, essencialmente, com o facto de este método nos permitir estudar aprofundadamente cada caso, preservando o carácter único, específico, diferente e complexo de cada caso em particular.

O carácter intensivo dos estudos de caso, que advém da amplitude e profundidade da inquirição, teve então um peso preponderante na escolha deste método. A amplitude nos estudos de casos caracteriza-se por não colocar restrições ao investigador quanto ao número de domínios a explorar, possibilitando-lhe seguir todas as questões que achar pertinente, pois quanto mais informação for recolhida através da inquirição melhor será a compreensão do fenómeno em causa (Becker, 1994). O estudo de casos é, sob o ponto de vista temporal, um estudo em profundidade porque além de cada caso ser estudado em todas as suas dimensões numa determinada conjuntura, ainda se desloca ao passado com o intuito de apreender a história que determinou a forma atual do caso (*idem*).

Ao longo desta investigação, as fontes bibliográficas assumiram um carácter permanente no decorrer de todas as fases, tendo sido essenciais para a delimitação do objeto de estudo, a construção do enquadramento teórico, a seleção das técnicas utilizadas, assim como para a recolha e análise dos dados. Dito de um modo geral, as fontes bibliográficas tiveram, tal como refere Lopes (2009), um papel fundamental no aprofundamento dos conhecimentos que apoiaram a realização da pesquisa.

Para dar seguimento a este trabalho foi necessário pensar na forma mais adequada para se proceder à recolha de dados empíricos fundamentais para explicar os nossos objetivos de investigação. O processo de recolha de dados nos estudos de casos, geralmente, é feito com recurso a várias técnicas de investigação. Na nossa investigação, a recolha dos dados foi feita através da entrevista semi-directiva e também de um pequeno questionário que nos permitiu caracterizar os indivíduos do ponto de vista sociodemográfico.

A escolha da entrevista semi-directiva prende-se com o facto de esta possuir um carácter mais flexível do que a diretiva, permitindo, dessa forma, um conhecimento mais aprofundado sobre o tema, ao conferir alguma liberdade ao entrevistado sem que o entrevistador perca o domínio sobre o decorrer da entrevista (Poirier, Valladon e Raybaut, 1999; Quivy e Campenhoudt, 1992). A entrevista semi-directiva é, segundo Quivy e

Campenhoudt (1992), muito usada nas ciências sociais e caracteriza-se por se basear num guião de entrevista que, geralmente, é composto por temas propostos ao entrevistado para que ele os possa desenvolver com a menor intervenção possível do entrevistador. A entrevista semi-directiva demarca-se da entrevista não-diretiva pelo facto de o entrevistador poder intervir caso o entrevistado se esteja a afastar dos objetivos da investigação. Na entrevista não-diretiva, os entrevistados são levados a responder através do seu próprio quadro de referência sobre o assunto que lhe é proposto, pelo que é muitas vezes usada em investigações de tipo exploratório, quando o investigador considera não ter conhecimento sobre um assunto ou considera essa informação incompleta e vai procurar informações particulares sobre um ou outro aspeto desse assunto (Ghiglione, Matalon, 1995).

Como, no nosso caso, o que pretendíamos era aprofundar um conjunto diversificados de questões sobre a masculinidade, usámos a entrevista semi-directiva. Como sugerem Ghiglione e Matalon (1995) na entrevista não-diretiva o entrevistador não tem nenhum quadro de referência anterior, ou esquece-o voluntariamente, na semi-directiva o investigador tem um quadro de referência anterior, mas só o utiliza caso o entrevistado não aborde alguma questão que seja essencial. A entrevista semi-directiva revela-se mais adequada para aprofundar um determinado domínio, ou verificar a evolução de um domínio já conhecido. Ela demarca-se também da entrevista diretiva que pressupõe um conjunto de questões estandardizadas, numa ordem que deve ser rigorosamente seguida.

O uso das entrevistas semi-directivas permitiu a recolha de informação relativa às representações que os homens têm das relações íntimas, de onde foram retiradas conclusões a ser confrontadas com o quadro teórico, de forma a garantir a validade e fiabilidade do estudo (Poirier, Valladon e Raybaut, 1999). As entrevistas semi-directivas deram-nos também a possibilidade de analisar o sentido que os indivíduos dão às suas práticas, as interpretações e leituras que fazem das suas próprias experiências pessoais (Quivy e Campenhoudt, 1992).

Porque esta investigação trata de um tema íntimo, isso exigiu que cada questão do guião fosse cuidadosamente pensada, começando-se por questões que pusessem o entrevistado à-vontade criando alguma empatia entre o entrevistado e o entrevistador para que o primeiro desenvolvesse o seu discurso em função dos temas que lhe foram sendo sugeridos. O guião é também composto por questões mais específicas que foram colocadas no caso de os entrevistados, no decorrer da entrevista, não terem focado

espontaneamente os assuntos essenciais para a investigação, pois, como sugere Guerra (2006), quanto menor for a intervenção do investigador, maior será a riqueza do material recolhido, pois a lógica e a racionalidade do entrevistado emergirão mais intactas e menos influenciadas pelas perguntas. O guião ajudou também o investigador a situar-se e a não deixar que dimensões essenciais do estudo fossem esquecidas no decorrer da entrevista.

Aquando das entrevistas, tivemos de ter em atenção alguns fatores que, frequentemente podem interferir no seu decorrer. Ghiglione e Matalon (1995) referem que os fatores que interferem na situação da entrevista são fatores associados à situação, ao entrevistado, ao entrevistador e à linguagem. Tendo em conta estes fatores, tentámos minimizar os seus efeitos no decorrer da entrevista. No que diz respeito aos fatores associados à situação, tivemos em atenção o local onde decorreu a entrevista, de modo a que esta decorresse num local em que o entrevistado se sentisse à-vontade e não houvesse possibilidade de ocorrerem interrupções, assim optamos por se realizarem na universidade, mais precisamente na sala de atos do Instituto das Ciências Sociais. Houve também o cuidado de pensar no tempo real que a entrevista demoraria e facultar essa informação previamente ao entrevistado. Os fatores associados aos entrevistados também são de suma importância. Neste caso, temos de ter em atenção o capital verbal do entrevistado e a sua capacidade para compreender as questões (*idem*), fazendo questões que sejam de fácil compreensão para o entrevistado. Outra preocupação que também tivemos foi ter em conta que o tema fosse pertinente para as preocupações do entrevistado. Tivemos também sempre presente a possibilidade de haver comportamentos que os entrevistados não revelassem com medo de afetar a sua autoestima, ainda mais quando estamos a falar de um tema delicado como a intimidade.

O entrevistador tem um papel muito importante no decorrer da entrevista, na medida em que lhe compete controlar a entrevista e ultrapassar as dificuldades que possam, eventualmente, surgir. No entanto, o próprio entrevistador pode influenciar a entrevista através das suas características físicas, como o sexo, a idade, a aparente pertença a uma classe social (*idem*). Como, no nosso caso, a entrevista abordava questões de foro íntimo, e os entrevistados eram todos do sexo masculino e o entrevistador do sexo feminino, podíamos encontrar alguma reticência por parte dos entrevistados em falar abertamente sobre as suas perceções e práticas de intimidade. Para tentar superar essa dificuldade, tentámos, desde o início, criar uma situação de empatia com o entrevistado, explicar-lhe cuidadosa e detalhadamente os propósitos da investigação, sem, no entanto, entrar em assuntos que pudessem condicionar as suas respostas nas questões que lhe

fossem colocadas. Ao entrevistador coube também o papel de estimular o entrevistado na resposta às questões, gerir os silêncios que ocorriam durante a entrevista e interpretá-los, assim como recolocar alguma questão que, eventualmente, não fosse suficientemente desenvolvida.

Um outro fator importante a ter em conta no decorrer da entrevista é a linguagem porque é através desta que o entrevistado vai situar o entrevistador e é, de igual modo, através desta que o entrevistado vai compreender e responder (*idem*). Deste modo, tivemos o cuidado de usar uma linguagem que fosse acessível ao entrevistado, uma linguagem que estivesse o mais próximo possível do seu universo linguístico e motivar o entrevistado a responder, enunciando que todas as respostas são válidas.

Aquando das entrevistas, foi pedida autorização para a sua gravação, garantindo ao entrevistado o anonimato e salientando que este procedimento era de máxima importância, tal como o seu contributo para o estudo. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, sujeitas a um processo de transcrição. Primeiro, a transcrição foi feita integralmente, incluindo-se o discurso integral do entrevistado, com erros, repetições, frases incompletas e as pausas. Posteriormente, o texto transcrito foi trabalhado, procurando eliminar algumas palavras e expressões que poderiam dificultar a sua análise, todavia, mantendo o discurso original dos entrevistados.

As entrevistas foram analisadas logo após a sua transcrição através do recurso à análise de conteúdo, definida por Berelson (1952 cit in Guerra, 2006: 62), como “uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Tal como sugerem Ghiglione e Matalon (1995), a análise de conteúdo é uma técnica que pode ser usada para tirar sentido das informações recolhidas em entrevistas ou inquéritos de opinião, como, por exemplo, quando temos em mãos um grande volume de dados textuais. Mais especificamente, a análise das entrevistas foi feita através da análise de conteúdo temática, que, como sugerem Ghiglione e Matalon (1995), geralmente, é a mais utilizada. Este tipo de análise consiste em isolar os temas presentes nas entrevistas com o objetivo de os reduzir a proporções utilizáveis, permitindo a comparação entre as diversas entrevistas e o quadro teórico, e sendo comum estabelecer-se uma distinção entre temas principais e temas secundários.

Aquando das entrevistas recorreremos também à aplicação de um questionário. Este tinha como finalidade recolher dados que nos permitissem fazer a caracterização sociodemográfica de todos os entrevistados e recolher outras variáveis também relevantes para a caracterização de diferentes tipos de masculinidade. Assim recolhemos informação

relativa à origem e lugar individual de classe, idade, orientação sexual, identificação étnica, estado civil e escolaridade. O questionário foi de administração direta, assim antes de se proceder ao início da entrevista procedeu-se à entrega do questionário ao indivíduo para que este procedesse ao seu preenchimento.

Atendendo aos objetivos desta investigação, o objeto empírico foi, por isso, constituído exclusivamente por indivíduos do sexo masculino. O nosso objetivo foi o de obter um conjunto de indivíduos o mais heterogéneo possível, pois estávamos interessados em obter variações máximas e não a uniformidade dentro deste grupo. Os casos foram escolhidos segundo um processo de seleção por conveniência (Hair, Babin, Money e Samouel, 2003). A seleção por conveniência consiste em selecionar indivíduos que estejam disponíveis para fazer parte do estudo e que possam oferecer as informações necessárias. No total, foram entrevistados onze indivíduos do sexo masculino, estudantes da Universidade do Minho. O facto de restringirmos a seleção dos casos a este universo prende-se com os interesses pessoais do investigador, desde o facto de ser perto do seu local de residência e de, assim, ter uma maior facilidade em chegar aos indivíduos que reunissem as características necessárias.

Para garantir maior rigor ao estudo, e de acordo com o quadro teórico, reconhecemos que seria fundamental que o nosso objeto empírico fosse constituído por indivíduos de diferentes etnias e classes sociais, pois estas dimensões influenciam diretamente a masculinidade e esta, por sua vez, influencia as representações da intimidade, e, ainda, por indivíduos de diferentes faixas etárias, pois, como foi explicado no quadro teórico, de acordo com o pensamento de Meyer, Klein, Andrade (2007), os indivíduos têm características e necessidades distintas consoante a fase etária. O número total de casos dependeu do cumprimento do critério de saturação da informação (Poirier, Valladon e Raybaut, 1999).

A primeira abordagem com os entrevistados foi feita pessoalmente, questionando-se o indivíduo sobre a disponibilidade e interesse em participar no estudo. Nos casos em que os indivíduos mostravam interesse em participar no estudo era-lhes solicitado o endereço de e-mail para futuro contacto. No segundo contacto, através de e-mail, os indivíduos eram esclarecidos acerca do tema que incidiria a entrevista assim como duração que estimávamos que ela durasse, entre 45 e 60 minutos, e procedia-se também ao agendamento do dia da entrevista. As entrevistas decorreram entre os dias 18 de Junho e o dia 27 de Julho.

De seguida apresentámos uma tabela onde consta a caracterização sociodemográfica dos onze entrevistados. Tendo em conta o anonimato dos dados os nomes atribuídos aos entrevistados são fictícios. Na tabela de caracterização sociodemográfica, além dos dados relativos à origem de classe e ao lugar de classe evidenciamos também outras características dos entrevistados, nomeadamente a idade, a nacionalidade, a etnia, a orientação sexual, o estado civil e a escolaridade. A determinação do lugar e origem de classe dos entrevistados foi feita tendo em conta proposta de Machado, Costa, Mauritti, Martins et al.(2003) que cruza indicadores socioprofissionais e indicadores socio-educacionais. Os indicadores socio-educacionais foram operacionalizados tendo em conta os graus de ensino propostos pela Classificação Internacional Tipo da Educação (1997) e a operacionalização do indicador socioprofissional foi feita através dos indicadores “profissão” e “situação na profissão”.

**Tabela de caracterização sociodemográfica dos entrevistados**

<b>Entrevistado</b>	<b>Idade<sup>1</sup></b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Orientação Sexual</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Escolaridade<sup>2</sup></b>	<b>Origem de Classe<sup>3</sup></b>	<b>Lugar de Classe Individual<sup>4</sup></b>
<b>1- Rui</b>	26	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro	3º Ano – Licenciatura	PTE	PTE(*)
<b>2- Pedro</b>	28	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro	2º Ano – Licenciatura	TI	EE
<b>3- Henrique</b>	24	Brasileira	Heterossexual	Solteiro	4º Ano – Licenciatura	PTE	PTE(*)
<b>4- Fernando</b>	23	Portuguesa	Homossexual	Solteiro	3º Ano – Licenciatura	EDL	EDL(*)
<b>5- Jorge</b>	30	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro	1º Ano – Licenciatura	TI	TI
<b>6- Paulo</b>	22	Portuguesa	Homossexual	Solteiro	3º Ano – Licenciatura	OI	OI(*)
<b>7- Nuno</b>	21	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro	2º Ano – Licenciatura	PTE	PTE(*)
<b>8- Luís</b>	22	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro	4º Ano – Licenciatura	TI	TI(*)
<b>9- Carlos</b>	24	Portuguesa/ Colombiana	Homossexual	Solteiro	2º Ano – Mestrado	TI	TI(*)
<b>10- Miguel</b>	22	Portuguesa	Heterossexual	Solteiro	4º Ano – Licenciatura	TI	TI(*)
<b>11- Joel</b>	43	Portuguesa	Heterossexual	Casado	2º Ano – Mestrado	EE	EE

<sup>1</sup> Idade à data da entrevista.

<sup>2</sup> Ano e grau que se encontrava a frequentar à data da entrevista.

<sup>3</sup> De acordo com a proposta de Machado, Costa, Mauritti, Martins et al.(2003).

<sup>4</sup> De acordo com a proposta de Machado, Costa, Mauritti, Martins et al.(2003).

Quando chegámos ao fim desta investigação apercebemo-nos de alguns aspetos que poderiam ter corrido melhor. Desde logo apontamos a dificuldade na seleção dos casos. Quando optamos pela seleção dos casos por conveniência considerámos ser a melhor forma de conseguirmos selecionar indivíduos com características distintas importantes para o estudo das masculinidades. Contudo esta tarefa revelou-se mais difícil do que de início pensávamos, pois se por um lado podíamos ter algum controlo na seleção dos indivíduos de acordo com algumas variáveis, nomeadamente a idade e a etnia, outras variáveis como a classe e a orientação sexual só seriam possíveis apurar aquando da aplicação do questionário sociodemográfico. Embora tenhamos constituído um objeto empírico bastante heterogéneo com indivíduos de idades compreendidas entre os 21 e os 43 anos, de diferentes etnias e classes sociais não foi o suficiente para termos indivíduos pertencentes a todos os tipos de masculinidade, nomeadamente que correspondessem aos pressupostos da masculinidade hegemónica e marginalizada.



## **Capítulo 4. Representações da masculinidade**

Neste capítulo centramo-nos na análise das representações que os homens têm sobre a masculinidade. Começamos por fazer uma abordagem à construção da masculinidade, refletindo sobre a influência que o patriarcado tem neste processo colocando o homem em posição privilegiada na sociedade. Analisamos também a atualidade do ideal do homem do patriarcado nas representações que os homens têm da masculinidade. Verificamos que os homens conservam, até certo ponto, papéis sociais específicos da sua cultura nomeadamente ao nível das representações de género, isto é, no que diz respeito à perceção de homem e de mulher e dos papéis que lhe estão associados. Analisamos através dos discursos dos entrevistados que o ideal de homem se aproxima da definição de Gomes (2006), evidenciada no quadro teórico, que definia os homens do século XIX. No entanto estas perceções não se difundem como códigos de conduta para o comportamento destes homens que individualmente salientam o afastamento da noção de homem que circula na sociedade. Num quadro onde a masculinidade hegemónica, caracterizada em parte pela heterossexualidade, se assume como fator preponderante para a definição do ideal de homem, os homossexuais definem-se em contraposto com esse ideal.

Posteriormente através do cruzamento dos dados do questionário sociodemográfico e dos discursos dos entrevistados damos conta dos vários tipos de masculinidade.

### **4.1. Representações do homem e da mulher**

A realidade social é interpretada de acordo com as representações dos indivíduos. Embora cada um possa fazer a sua interpretação sobre o real temos de ter em conta a interação com a sociedade. Isto porque a realidade social ao ser exterior ao indivíduo tem a capacidade de exercer coerção sobre ele (Durkheim, 1987). Sendo a masculinidade um elemento da realidade social verificamos que embora ela possa ser definida nos termos mais variados e idiossincráticos, há sempre um ideal de masculinidade que se sobrepõe e mediante este os indivíduos fazem as suas próprias interpretações sobre si mesmos. O ideal de masculinidade que circula na sociedade pode representar um constrangimento para o indivíduo se tivermos em conta que o homem pode tentar enquadrar-se numa construção

social que define o que é o homem, quando na realidade sabemos que existem várias maneiras de ser homem. Como refere um dos entrevistados:

*“Eu acho que isso [a noção de homem que circula na sociedade] é uma concepção muito castradora, ser homem acho que nenhum homem se sente assim verdadeiramente”* (Fernando, homossexual, EDL).

A realidade social ao ser interpretada pelos indivíduos faz com que possamos encontrar diversificadas formas de interpretação do real. Porque os indivíduos nos seus processos de socialização ao serem confrontados com a realidade social sofrem a influência não só da própria realidade social mas também de outros agentes significativos que permitem a possibilidade de aceder a esquemas de interpretação da realidade muito diversos. A masculinidade também foi alvo de interpretações distintas, ela começou por ser vista como um dado biológico e inato e posteriormente foram surgindo outros esquemas de interpretação que viam a masculinidade como um processo de construção social (Badinter, 1993). No decorrer do trabalho empírico não analisamos os agentes intervenientes na construção dos esquemas de interpretação dos indivíduos acerca da masculinidade. Mas achamos de superior interesse ressaltar que dois indivíduos que aparentemente nos seus processos de socialização estiveram sujeitos à mesma concepção de masculinidade, apresentem duas opiniões distintas quanto ao que se considera ser homem. De um lado a visão de que ser homem não passa de uma construção social, onde a sociedade dita os papéis sociais que devem ser distintamente seguidos por homens e mulheres, de outro lado uma visão mais apologista do determinismo biológico em que o entrevistado entendia que ser homem era apenas uma questão biológica, entendendo que as diferenças entre homens e mulheres se explica unicamente por razões biológicas:

*“Para mim o homem não passa de uma mera construção social no meu entender (...) A priori antes de nascer tu vais ter uma vagina ou um pénis, já te vão por papéis. Nomeadamente pelo facto de eu ser homem tenho de me comportar de certa forma. Tenho que ter as denominadas atitudes masculinas”*. (Carlos, homossexual, TI)

*“Obviamente os homens têm características ou têm propensão para certo tipo de coisas e as mulheres para outras, mas o que difere mesmo é o gênero e os genes (...) Eu acho que tem mesmo a ver com os genes, não é com mais nada, uma característica biológica”* (Nuno, heterossexual, PTE).

Ao longo do trabalho teórico salientamos a perspectiva do construtivismo social. Aquando da análise dos resultados do trabalho empírico verificamos que os discursos dos entrevistados também denotavam uma maior predominância para o visionamento da masculinidade como um processo de construção social. Verificamos que nos processos de construção das representações que os indivíduos têm acerca da masculinidade esta está fortemente relacionada com os pressupostos da masculinidade hegemónica e do ideal do homem do patriarcado. Assim essa influência é visível nas representações do papel do homem na sociedade e conseqüentemente na forma como o homem percebe a mulher e o seu papel na sociedade.

Analisando primeiramente as representações sobre o papel do homem na sociedade vemos que este reflete influências do patriarcado onde o poder do patriarca se baseava no domínio da família, e do trabalho (Giffin, Cavalcanti, 1999). O homem é representado, pelos entrevistados, como tendo um papel primordial na sociedade, a nível familiar e económico.

*“Hoje em dia ainda vivemos numa sociedade em que infelizmente o homem tem um papel primordial, tanto a nível familiar como pessoal // a maior responsabilidade familiar em termos económicos // e também a figura de patrão ou chefe de família”* (Rui, heterossexual, PTE)

A visão que os entrevistados têm acerca do homem na nossa sociedade leva-nos a ir de encontro a algumas das características dos modelos de masculinidade que definiam os homens vitorianos no século XIX apontadas por Gomes (2006) assentes essencialmente na força, na dominação, na negação de sentimentos e numa sexualidade que devia ser tão ativa quanto possível.

No discurso dos entrevistados ser homem estava então associado a um conjunto de características físicas e de personalidade. Quanto às características físicas os homens ressaltaram a força e conseqüentemente esta estava estreitamente relacionada com o poder.

*“Características gerais que marcam o homem talvez seja uma força”* (Miguel, heterossexual, TI),

*“Homem é um sinal (...) de uma pessoa forte”* (Jorge, heterossexual, TI)

*“Depois tem outro lado que é o poder, e o poder é esta muito ligado a força e está muito ligado há determinação e está muito ligado ainda a esse mundo todo masculino // o homem é um ser de poder que esta conotado com a força (...) à masculinidade no sentido físico do termo”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“Homens (...) têm que ser uma pessoa forte (...) tem de ter aquele carácter tipo de posse, sei lá tipo de poder.”* (Carlos, homossexual, TI)

No que diz respeito às características de personalidade os homens associaram a características de dominação.

*“O homem tem de ser dominador”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“Rude e com aquele típico carácter dominante, tipo de posse, sei lá tipo de poder.”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“É uma pessoa, ahm não emotiva, não ... especialmente no que diz respeito ao chorar um homem não chora”* [Carlos, homossexual, TI]

Esta perceção que os homens têm sobre a masculinidade não se assume como uma realidade fixa que é entendida do mesmo modo por todos os indivíduos. Assim verificamos que os discursos analisados em torno dos homens e das masculinidades permitiram identificar a existência de um distanciamento entre a noção de homem que circula na sociedade, e a perceção que eles têm de si mesmos enquanto homens. O que nos leva a ir de encontro a Vale de Almeida (1996) quando refere que a masculinidade deve ser vista como um fenómeno do nível discursivo e do discurso enquanto prática, onde a “distância entre o que se diz e o que se faz é grande” (Vale de Almeida, 1996: 162).

A análise conjunta das representações dos indivíduos sobre a masculinidade e dos dados sociodemográficos permitem chegar à conclusão que, embora todos os homens entendam afastar-se do modelo de masculinidade que circula na sociedade, esse distanciamento e a percepção desse distanciamento é mais notória nos indivíduos com uma orientação sexual homossexual. Mais concretamente os entrevistados homossexuais consideravam estar afastados da noção de masculinidade que circula na sociedade, e como tal enquanto homens definiam-se em contraposto com esses ideais, definindo-se como pessoas mais emocionais e sensíveis, desvalorizando características como por exemplo a estrutura física:

*“Eu tenho um pensamento fraturante em relação às ideias vigentes na sociedade”*  
[Carlos, homossexual, TI]

*“Ser homem é, não só ter a estrutura física, mas é acima de tudo ter uma envolvente emocional // não representa aquilo que nos somos enquanto pessoas físicas humanas, mas também emocionais”* [Paulo, homossexual, OI]

*“Da minha idealização de um homem como um ser ah protetor mas sensível ah cooperador e não dominante, ou seja, um bocadinho o esbatimento da noção de homem que a sociedade comumente adota // ah mas sim a noção de homem que eu tenho e que eu procuro é essa é mais ligada se calhar aos sentimentos”* [Fernando, homossexual, EDL]

O ideal patriarcal tem sem dúvida uma forte influência na construção dos esquemas de interpretação individuais da masculinidade. Esta influência foi também visível através dos discursos dos entrevistados que deixaram transparecer a visão de responsabilidade e de proteção característica do patriarcado, ao apontar o homem como sendo o complemento da mulher, como um ser superior que deve suprir as fragilidades da mulher:

*“É o complemento da mulher // porque fisicamente tem menos força [a mulher] tende a aproximar-se do homem com a visão da proteção”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“A mulher precisa de ter na figura do homem um ser superior de maneira a sentir-se mais segura e protegida”* (Rui, heterossexual, PTE)

Estes factos refletem de igual modo uma hierarquização de papéis que persiste na nossa sociedade e que é aceite como natural.

Essa hierarquização de papéis reflete-se não só nas representações dos homens na sociedade, mas também nas representações que os homens têm acerca da mulher na sociedade. Vimos já anteriormente que a mulher vem sendo ao longo dos tempos vista como um ser subordinado nomeadamente ao homem. Contemplamos que apesar do esforço das mulheres aquando dos movimentos feministas, mais precisamente nos anos 60 e 70 ao reivindicarem os seus direitos e valores, poucas coisas mudaram mais precisamente no que diz respeito à perceção que os homens têm do papel da mulher na sociedade.

A mulher continua a ser vista como subordinada ao homem, o que no entender dos entrevistados se explica por consequências históricas e pelas características biológicas da mulher que fazem dela um ser frágil o que a leva a necessitar de proteção.

*“A mulher é um ser discriminado por razões mais históricas (...) por problemas culturais”* (Rui, heterossexual, PTE).

*“Uma dicotomia muito grave que é o poder versus a carência, a mulher é um ser humano que precisa de mais proteção pela sua malha biológica, da malha hormonal que é extremamente complexa, porque fisicamente tem menos força tende a aproximar-se do homem com a visão da proteção”* (Fernando, homossexual, EDL)

Todos os entrevistados referiram de certo modo que a mulher é socialmente discriminada, nomeadamente no que diz respeito à vida profissional. No entender dos entrevistados existe um conjunto de fatores explicativos para a discriminação da mulher na vida profissional, estes vão de encontro a Santos (2010) quando refere que apesar de a mulher ter conquistado novos espaços na vida pública surgiam mecanismos que lhe restringiam indiretamente esse domínio, nomeadamente a crescente valorização da família, e da maternidade, e com Silva (2009) que refere que a mulher era considerada inferior tendo em conta a fragilidade do corpo.

*“Por causa da fisiologia da mulher e da indisponibilidade da gravidez”* (Rui, heterossexual, PTE);

*“Certos trabalhos ou certos ofícios que as mulheres não podem praticar. (...) Devido à incapacidade física que possam demonstrar, à insegurança”* (Pedro, heterossexual, EE);

*“A mulher é discriminada no emprego é discriminada porque tem uma posição na vida familiar ah predominante e isso castra noutros parâmetros da vida”* (Fernando, homossexual, EDL).

Mais uma vez pudemos constatar que como no caso da percepção do que é ser homem, também no caso da percepção da mulher existe um distanciamento entre aquilo que os homens consideram ser a noção da mulher que circula na sociedade e a forma como eles se posicionam em relação ao papel da mulher na sociedade. Deste modo verificamos que embora esta seja a primeira percepção dos entrevistados do papel da mulher na sociedade, os homens salientam que para eles as mulheres são seres iguais a si. Contudo há casos em que os homens referem que ser mulher ainda é estar numa posição desfavorecida e relacionam estas questões não só com a cultura mas também com a educação e com a própria mulher que inconscientemente acaba por assimilar e reproduzir os valores enraizados na sociedade. Outros encaram de forma natural o papel da mulher como estando confinada ao espaço doméstico salientando o conformismo da mulher perante esta situação.

*“Pra mim a mulher é um ser igual a mim, em termos não físicos mas em termos de ser humano é igual a mim”* (Rui, heterossexual, PTE).

*“É muito impeditivo, no sentido de, uma mulher não é tratada da mesma forma (...) // não tem tanta liberdade”* (Joel, heterossexual, EE)

*“As mulheres são mais para ‘tar’ em casa, as mulheres às vezes se tiverem um marido que ganhe bem não se importam de ficar em casa a cuidar dos filhos // normalmente quando têm filhos, também normalmente é a mulher que deixa o*

*trabalho um bocado mais de parte para cuidar dos filhos, não costuma ser tanto o homem”* (Nuno, heterossexual, PTE)

Estes factos enunciados anteriormente referentes ao papel da mulher na sociedade leva-nos a crer que do mesmo modo que as representações do que é ser homem de acordo com os ideias patriarcais vêm persistindo ao longo do tempo também o papel da mulher enquanto ser subordinado ao homem e discriminado socialmente vem permanecendo.

Os dados recolhidos através do trabalho empírico permitem-nos concluir, tal como evidenciado no trabalho teórico, que o ideal de masculinidade das sociedades patriarcais embora tenham sofrido alterações foi-se conservando até aos dias atuais e isso reflete-se na forma como os homens vêm em termos gerais o papel do homem e da mulher na sociedade. Contudo embora em termos discursivos e ideológicos ainda persistam os ideais da masculinidade patriarcal, começamos a assistir a uma mudança ao nível das práticas dos indivíduos.

#### **4.2. Masculinidades e manifestação das masculinidades**

A análise do questionário de caracterização sociodemográfica permitiu-nos averiguar que se analisássemos a masculinidade somente através de categorias como raça, classe social e orientação sexual, usadas por Jesus (2009) para definição da masculinidade hegemónica (protagonizada pelo homem “americano branco, heterossexual, protestante e de classe média”) grande parte dos indivíduos estavam enquadrados neste grupo. Contudo quando queremos analisar a masculinidade, temos de ter em conta outras categorias sendo necessário como refere Connell (1995) colocar ênfase nas práticas, no que o indivíduo realmente faz.

Quando cruzamos os dados dos questionários sociodemográficos com outras categorias que emergiram dos discursos dos indivíduos verificamos que os homens que estavam enquadrados nos pressupostos da masculinidade hegemónica, ao termos em conta as estruturas sociais de etnia/raça e classe, estavam mais próximos dos pressupostos da masculinidade cúmplice pois eram indivíduos que não demonstraram ter uma atitude dominante nem uma exibição incontestável da autoridade característica da masculinidade hegemónica.

Como já foi visto anteriormente a noção de masculinidade hegemónica surgiu no decorrer dos discursos dos entrevistados, porém de forma geral apenas como um ponto de referência ou um ideal que circula na sociedade.

Concluimos que o conceito de masculinidade hegemónica se tem vindo a esbater ao longo dos tempos, e cada vez mais se torna como sugere (Connell, 1995) um ideal que serve de comparação entre as diferentes masculinidades.

No entanto notamos no decorrer das entrevistas que um dos entrevistados demonstrou uma visão próxima dos ideais de masculinidade hegemónica. Fazendo uma breve caracterização sociodemográfica deste indivíduo vemos que era de etnia Caucasiana/Europeia, heterossexual e quanto à classe pertencia aos Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE). Para este indivíduo ser homem era apenas um dado biológico, uma questão de genes, facto este que servia de explicação para a propensão dos homens para certos tipos de atividades este facto leva-nos a crer que o indivíduo considera que a condição biológica dos homens explica o facto de o homem ser valorizado em relação à mulher.

*“Eu acho que para certos tipos de trabalhos os homens são vistos como tendo uma condição física melhor se bem que eu acho que isso é verdade // mesmo naqueles [trabalhos] que não fazem muita diferença”* (Nuno, heterossexual, PTE)

Um outro facto que nos leva a aproximar este indivíduo da masculinidade hegemónica é a sua visão sobre a mulher, pois além de considerar a mulher como inferior ao homem com base nas suas características biológicas, vê-a como relegada ao espaço doméstico e ao papel de mãe:

*“As mulheres são mais para tar em casa, as mulheres as vezes se tiverem um marido que ganhe bem não se importam de ficar em casa a cuidar dos filhos // normalmente quando têm filhos, também normalmente é a mulher que deixa o trabalho um bocado mais de parte para cuidar dos filhos, não costuma ser tanto o homem”* (Nuno, heterossexual, PTE).

Este indivíduo vê a violência como algo que pode acontecer de forma natural no contexto das relações pessoais:

*“É assim violência verbal, eu acho que até é uma coisa super comum, quer dizer, muitas vezes as pessoas estão a discutir, chateiam-se e isso acontece não é? Física, também vem um bocado daí // É como eu digo, numa questão de conflito, certo? As pessoas discutem chateiam-se e há pessoas que partem para a violência”* (Nuno, heterossexual, PTE).

É também um indivíduo que pretende manter relação com a paternidade atribuindo-lhe muita importância e além disso considera que ter um filho é além do fruto de uma relação dar continuidade a si próprio:

*“Já para não dizer que aquilo é o fruto da relação não é, mas acho que os filhos é muito importante porque ... é o que eu digo é uma parte de nós que está ali (...) pronto é muito importante.”* (Nuno, heterossexual, PTE).

Apesar de haver situações que nos levaram a pensar este indivíduo como estando enquadrado nos padrões da masculinidade hegemónica houve outras situações que nos levam a ir de encontro a Connell (1995) quando refere que poucos homens encarnam totalmente o padrão de masculinidade hegemónica. Verificamos então que este indivíduo se aproximava dos padrões da masculinidade cúmplice nomeadamente pela importância atribuída ao trabalho profissional e ao trabalho doméstico, pois fazia a sua parte do trabalho doméstico e salienta a importância do seu trabalho profissional na sua vida relacionando-o com o facto de poder ajudar economicamente em casa.

*“Dou muita importância ao trabalho // para poder ajudar a minha mãe, é quem me sustenta não é // Costumo aspirar o quarto, fazer a cama ok! Tudo que é dentro do meu quarto costumo fazer (...) ponho a roupa na máquina, estendo a roupa”* (Nuno, heterossexual, PTE)

Estes factos levam-nos a ir de encontro ao que referimos no quadro teórico quando averiguamos que alguns autores têm vindo a argumentar nos últimos anos que os homens se aproximarem da masculinidade hegemónica quando lhes interessa e os mesmos homens se podem distanciar da masculinidade hegemónica noutros momentos, e que estamos perante

um processo de hibridação onde a masculinidade hegemónica pode mudar incorporando características de outras masculinidades (Wetherell, Edley, 1999).

Os dados obtidos através do trabalho teórico mostraram-nos que a masculinidade cúmplice é a que abrange maior número de homens, nos casos analisados através do trabalho empírico também enquadrámos grande parte dos entrevistados neste grupo, pois as características retiradas dos discursos dos entrevistados estão muito próximas das características enunciadas por Connell (1995) para caracterizar este grupo.

Desde logo contemplamos que os dados obtidos permitiram-nos averiguar que a visão de dominação e de autoridade não é uma característica que está presente nos discursos dos entrevistados.

Uma outra conclusão que podemos retirar dos discursos analisados é que embora os homens ainda relembram muita importância ao trabalho, considerado um dos principais eixos de ligação do homem à esfera pública, começam cada vez mais a inserir-se na esfera doméstica, domínio anteriormente consignado às mulheres, os homens começam a realizar todo o tipo de tarefas domésticas. Verificamos que o contexto familiar acaba por se sobrepor em algumas situações ao contexto laboral:

*“Mas não se pode fazer do trabalho o mais importante, é necessário dar importância à família. Dar muita importância ao trabalho mas dar mais à família”* (Miguel, heterossexual, TI)

O trabalho foi sempre descrito como tendo grande importância, visto como uma forma de sobrevivência, sustento e de obter segurança financeira:

*“Muita [importância do trabalho], o trabalho proporciona segurança financeira”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“É uma forma de sustento, e de sobrevivência claro. O trabalho hoje em dia é fulcral”* (Paulo, homossexual, OI).

Paralelamente à vertente económica há quem saliente a questão do trabalho como forma de integração na esfera pública:

*“E depois há outra parte de integração, que é a parte social (...) quem trabalha sente-se ahm como é que te vou dizer, sente-se ... não é englobado ... sente que pertence a algum grupo a alguma empresa. E a pessoa que não está sente-se perdida”* (Joel, heterossexual, EE).

Verificamos ainda que é comum os entrevistados mostrarem interesse em estabelecer relações com o casamento:

*“Eu entendo que seja muito importante, porque sou um tipo de pessoa que gostava de criar uma família, gostava de ter filhos ahm o casamento entendo como seja um ato de união // entendo que seja muito importante, e gostava de casar, gostava de ter uma esposa com filhos, uma família enorme se possível”* (Jorge, heterossexual, TI)

Ainda dentro deste quadro de semelhanças, com os pressupostos em que assenta a noção de masculinidade cúmplice de Connell (1995), verificamos que todos os entrevistados pretendiam estabelecer relações com a paternidade ao qual atribuíam muita importância:

*“Toda a importância, ah penso ter filhos desde muito cedo, é um objetivo para mim, e teria todo o gosto em ter.”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“Sim gostava de ter”* (Jorge, heterossexual, TI).

Quando analisamos a paternidade temos de ter em conta o controlo da variável idade, pois ela pode influenciar diretamente a perceção da paternidade, pois alguns dos entrevistados referiram que pretendiam estabelecer relações com a paternidade mas não no momento em que se encontravam:

*“Para já, não estou a dar muita importância // Mas sim, mesmo assim dou uma boa importância.”* (Carlos, homossexual, TI)

*“Também para já nenhuma”* (Luís, heterossexual, TI)

Ter filhos era visto pelos entrevistados como uma forma de dar sentido à vida e como ideia de continuidade de gerações:

*“ Ter filhos é tudo, é dar um novo sentido á vida, e creio mesmo que vale a pena ter.”* (Rui, heterossexual, PTE),

*“Acho que é a continuação de uma geração”* (Pedro, heterossexual, EE)

Tendo ainda como comparação a noção de masculinidade de Connell (1995) e a relação que ele estabelece entre diferentes modelos de masculinidade, tivemos casos que se enquadram nos modelos da masculinidade subordinada. Estes casos dizem respeito aos homossexuais, que são excluídos do modelo hegemónico de masculinidade com base na sua orientação sexual.

Os dados obtidos permitiram-nos apurar que os homens enquadrados nos modelos de masculinidade subordinada não são somente vítimas de uma forte estigmatização social mas também de práticas concretas que vão essencialmente da discriminação pessoal à violência física e verbal. Neste sentido os entrevistados que enquadrámos neste modelo de masculinidade referem que se sentem ou já se sentiram vítimas de discriminação pessoal em desfavor da sua orientação sexual:

*“Já, em razão da orientação sexual”* (Fernando, homossexual, EDL).

A interpretação dos discursos dos entrevistados homossexuais permitiu também ir de encontro ao referido por Connell (1995) quando menciona que as teorias gays defendem que a violência de que são alvo estes homens está relacionada com a proximidade da homossexualidade com a feminilidade:

*“Ahm principalmente no ensino básico, 5º 6º 7º era, era abordado por pessoas mais velhas, era discriminado por elas, pelo facto de andar muito envolvido com raparigas, sempre muito envolvido sempre senti mais empatia com as raparigas.”*  
(Paulo, homossexual, OI),

*“Discriminação na escola quando (...) andas com mais raparigas do que rapazes porque tens uma certa semelhança de gostos com as raparigas, não a nível sexual propriamente dito a nível de gostos para lá do senso // é-se um bocadinho discriminado no sentido de okay andas com elas, não andas connosco rapazes?”* (Fernando, homossexual, EDL).

Como já mencionamos anteriormente nas masculinidades subordinadas os homens são muitas vezes, tal como sugere Connell (1995) vítimas de violência física e verbal. Dos casos analisados a violência traduzia em:

*“Bocas corriqueiras”* (Fernando, homossexual, EDL).

*“Verbal era tudo quanto havia: menina (risos); paneleiro; sei lá ... esses termos todos... // A violência física já... o que acontecia maioritariamente, era pontapés, era também já me chegaram a atirar pedras”* (Paulo, homossexual, OI).

A masculinidade subordinada não se resume apenas à masculinidade gay, embora seja a mais visível, também existem casos de homens heterossexuais que se enquadram neste padrão de masculinidade. Particularmente segundo Connell (1995) estes casos são caracterizados por um vocabulário vasto: “covarde”, “maricas”, “meninos da mama”, estando presente a ligação com a feminilidade. Nos discursos analisados enquadrámos um dos indivíduos nos padrões da masculinidade subordinada embora este não seja homossexual e também não tenha nenhuma ligação com a feminilidade. No entanto tendo em consideração que a discriminação e a violência física e verbal são duas dimensões que estão presentes nos casos de masculinidade subordinada enquadrámos este indivíduo nos padrões da masculinidade subordinada pois ele dá conta dessas situações ao longo da entrevista:

*“Já [alvo de discriminação pessoal]. Em função da imagem e e é isso // presumirem, fazerem um juízo da pessoa que eu sou pela minha imagem, dos meus interesses nomeadamente // Sim [vítima de violência], ahm em relações amorosas e não só amorosas. Relações emotivas // Verbal, física penso que não com tanta relevância como a verbal // Em insultos”* (Luís, heterossexual, TI)

Torna-se também importante falar da masculinidade marginalizada que diz respeito à relação do gênero com a classe e a etnia/raça. De acordo com os dados do questionário sociodemográfico teríamos dois casos de masculinidade marginalizada, pois dois dos entrevistados são de raça negra dos quais um tinha uma orientação homossexual, no entanto os dados provenientes das entrevistas revelam que os seus discursos não nos levavam a crer que estes se consideravam em posição de marginalidade face ao grupo dominante embora pontualmente tenham surgido situações de violência verbal:

*“Mesmo um peso de discriminação forte não independentemente por ter a cor que tenho, por ter a orientação sexual”* (Carlos, homossexual, TI)

*“Verbais hum não, se calhar uma ou outra piada racista (...) mas não me sinto propriamente ofendido ou insultado”* (Carlos, homossexual, TI).

Mais ainda o discurso destes entrevistados levaram-nos também a ir de encontro a Connell (1995) quando refere que num contexto de supremacia branca as masculinidades negras podem desempenhar papéis simbólicos para a construção do gênero dos brancos, nomeadamente no que diz respeito à construção de exemplares de dureza física:

*“Pra te ser sincero física não, acho que até meto medo às pessoas, pelo menos é a ideia que deram a entender os meus amigos dizem que às vezes pareço guna ou assim, acho que traficante (risos).”* (Carlos, homossexual, TI)

Este excerto leva-nos também a concluir que a perceção que os indivíduos têm acerca da masculinidade ainda se encontra bastante ligada à estrutura e características físicas do homem.

Demos conta das perceções que os homens têm acerca do papel do homem e da mulher na sociedade e das masculinidades que emergiram através dos discursos dos entrevistados. Essas perceções irão servir de suporte na compreensão da relação entre masculinidades e intimidade que iremos dar conta daqui em diante.



## Capítulo 5. Representações da Intimidade Masculina

Neste capítulo é nossa pretensão identificar as formas como os homens se posicionam face ao compromisso amoroso e identificar as representações dos homens acerca da sexualidade e a sua relação com a sua identidade de género.

Tal como nos deparamos com diversas perceções do que é ser homem, também nos discursos analisados nos deparamos com perceções e formas distintas de vivência da intimidade. O trabalho teórico permitiu-nos averiguar que a intimidade não é estática, pelo contrário varia não só com o tempo e de cultura para cultura mas também de pessoa para pessoa (Breton, 2009). Geralmente esta análise é feita numa ótica de género associando formas distintas de vivência da intimidade à mulher e outras aos homens. Atentando aos objetivos da investigação e ao facto de termos diferentes formas de ser homem vamos dar conta das diferentes perceções que os entrevistados têm acerca da intimidade, nas suas múltiplas expressões, analisando sempre que possível a existência de uma relação entre intimidade e masculinidade.

Os discursos analisados foram muito diversificados no que diz respeito à intimidade, o que tornou possível encontrar várias perceções e diferentes vivências da intimidade.

### 5.1. Influências nas representações de intimidade

O modelo patriarcal de masculinidade ainda influencia os homens na vivência da intimidade, e essa influência é sobretudo visível no que diz respeito às perceções que os homens têm da intimidade.

Um dos reflexos da supremacia do modelo patriarcal na intimidade diz respeito ao papel da mulher na relação. Neste sentido pudemos observar através dos discursos dos entrevistados que na sociedade circula e reproduz-se o pensamento de que a mulher na relação é um ser subjugado e o homem dominador:

“ [visão do papel do homem e da mulher na relação] *o homem tem de ser dominador (...) e a mulher acaba por ser um ser um bocado subjugado (...) usando uma palavra um bocado forte, acaba por ser um bocado marioneta*” (Rui, heterossexual, PTE)

O discurso de alguns dos entrevistados deixa transparecer influências do modelo de amor que se consolidou no século XIX o amor romântico. Desde logo a análise dos discursos de alguns entrevistados permitiram-nos verificar que hodiernamente as relações ainda se baseiam nos pressupostos do amor romântico. Continua-se a reproduzir e circular na sociedade a ideia de que os homens e as mulheres não se posicionam da mesma forma na relação, as mulheres são vistas como dando mais importância ao sentimento e à troca emocional e os homens como dando mais importância à parte sexual e como sendo incapazes emocionalmente (Giddens, 1993; Grossi, 2009). Dentro dos pressupostos do amor romântico continua de igual modo a persistir a ideia de que a mulher se entrega totalmente à relação, apaixonando-se por um homem sendo com ele com quem vai casar e ficar o resto da vida, enquanto o homem garante também a sua vida sexual fora da relação (Grossi, 2009).

*“O homem é desde logo porque é muito mais físico que a mulher. Ahm é mais frio em relação á relação, a mulher é mais emotiva mais sensível”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“Eu acho que a mulher tem a necessidade de ter alguém... pra vida // enquanto o homem [risos envergonhados] desculpa mas tem quer ter um parque de diversões assim mais acessível, porque se não for assim a gente tem de ir para uma discoteca e que é para saciar as necessidades que os homens têm”* (Henrique, heterossexual, PTE)

No entanto verificamos que a influência do amor romântico não era unânime, e não estava presente no discurso de todos os entrevistados. No nosso entender os dados obtidos revelam como sugere Grossi (2009) que o modelo de amor romântico está presente até aos dias atuais, mas embora seja um modelo que ainda circula na nossa sociedade, tem vindo a perder influência nas práticas de intimidade dos sujeitos. Esta conclusão prende-se com o facto de os discursos dos entrevistados revelarem um hiato entre a percepção que têm da forma como se vivem as relações de intimidade na sociedade ocidental e as suas próprias práticas individuais de intimidade.

A análise dos discursos dos entrevistados revelam que as suas práticas de intimidade se encontram mais próximas dos ideais do amor confluyente (Giddens, 1993) característico

das sociedades modernas, porque verificamos que são indivíduos que assumem uma partilha igualitária das relações íntimas.

De um modo geral verificamos que no que diz respeito às práticas individuais de intimidade estes homens afastavam-se das percepções rígidas da masculinidade característica da sociedade patriarcal e da relação desigual entre os dois parceiros característica do modelo de amor romântico e aproximam-se cada vez mais de uma expressão de intimidade vivida de forma mais igualitária. Isto é esbate-se a conceção da relação onde a mulher era tida como um ser subjugado ao serviço da satisfação dos desejos do homem em prol de relações igualitárias onde as mulheres e os homens têm os mesmos direitos e deveres.

## **5.2. A expressão da intimidade de acordo com a masculinidade**

Na sociedade circulam normas e valores que regulam e ditam o que é mais ou menos aceitável para os indivíduos no que concerne às formas de manifestação da intimidade. Como a sociedade não é estática e está em permanente alteração essas normas e valores têm vindo a ser alvo de alterações, fazendo com que as diferentes expressões de intimidade venham a ser alteradas ao longo dos tempos. No quadro teórico expusemos as principais alterações que ocorreram na sociedade no decorrer dos anos e que se refletiram nas formas de expressão de intimidade atuais. Imediatamente, através das práticas discursivas dos entrevistados, iremos evidenciar as percepções que atualmente os homens têm acerca da intimidade e a forma como as vivenciam estabelecendo uma relação entre diferentes tipos de masculinidade e intimidade. Esta análise tem como intuito revelar que a diferentes tipos de masculinidade correspondem diferentes formas de vivência da intimidade. Esta análise será feita em dois momentos, um que dá conta da forma como se manifesta a intimidade nas masculinidades subordinadas e outro que dá conta das manifestações de intimidade nas masculinidades cúmplices. A restrição desta análise a estes dois tipos de masculinidade prende-se com o facto de os indivíduos entrevistados se enquadrarem nestes dois tipos de masculinidade.

No caso das masculinidades subordinadas, no que respeita ao caso dos homens homossexuais, vemos que para estes a expressão da intimidade estava relacionada com as emoções e com o amor. Pelo que foi comum estes indivíduos expressarem uma forte

emotividade e salientarem a importância do amor e da existência de sentimento pelo outro como fundamental para o estabelecimento de uma relação.

*“A vida amorosa é complicada, porque eu gosto de um rapaz neste momento, muito importante para mim é uma situação que já dura há um ano e é um bocadinho ... Ainda gera bastante emotividade // há sentimento // acho que uma pessoa quando está comprometida com o coração ou cerebralmente comprometida, e assume isso tem que assumir sobre todas as formas, e hoje em dia cada vez mais com esse esbatimento que ... as pessoas aborrecem-se muito facilmente e são muito egoístas // E acho que paciência e respeito transformam-se em amor”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“Era, era bom claro havia uma forte envolvente sexual, afetiva também. Havia reciprocidade a nível emocional // haver sempre aquele amor inicial”* (Paulo, homossexual, OI).

No que diz respeito ao compromisso amoroso vemos que estes indivíduos, que enquadrámos nos pressupostos da masculinidade subordinada de Connell (1995), põem em evidência características físicas, psicológicas e emocionais como fundamentais na escolha do outro:

*“Um bocado de beleza, alguma coisa que me cativa, eu sou cativado por alguns aspetos um sorriso, uns olhos bonitos, ahm gosto de inteligência // o valor fundamental da partilha (...) aliado ao respeito (...) a autoconsciência a tua e a da outra pessoa // autoconsciência e amor são coisas fundamentais”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“Empatia, a conversa, a atracão”* (Paulo, homossexual, OI).

Uma questão que se levantou através dos discursos dos entrevistados com uma orientação homossexual foi o facto de as relações de intimidade homossexuais terem como característica a promiscuidade:

*“Uma característica super comum nas relações entre homem com homem é promiscuidade”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“Os homens, na homossexualidade não têm ... acabam com o namorado e procuram conhecer outro são muito insatisfeitos eu acho isso, conhecem um e não agrada e conhecem outro”* (Paulo, homossexual, OI)

Estes factos levam-nos a refletir que as masculinidades subordinadas são como sugere Giddens (1993) aquelas que se aproximam mais dos pressupostos do amor confluyente. Pois estes indivíduos pressupõem que as suas relações assentem na igualdade na dávida e contradávida emocional enquanto a relação for satisfatória para ambos.

No que diz respeito às masculinidades cúmplices vemos que o amor e as emoções já não estavam tão evidentes nos discursos dos entrevistados como no caso das masculinidades subordinadas.

No entanto os discursos destes entrevistados revelam que as suas práticas de intimidade se aproximam dos modelos de amor confluyente (Giddens, 1993). Estes são homens que vêem as mulheres como iguais a si e que se posicionam da mesma forma que a mulher na relação, e estabelecem relações duradouras com as mulheres.

Quando estes indivíduos se referem ao compromisso vêem-no como algo que deve trazer satisfação e que seja uma possibilidade de ser durável:

*“Perspetiva que eu tinha quando iniciava o namoro, não quer dizer que estivesse logo garantido que fosse ela que fosse a minha mulher para o futuro, mas automaticamente quando eu assumo um namoro se é aquilo que eu quero, se fosse pra perdurar era ela”* (Jorge, heterossexual, TI)

No caso dos indivíduos que se encontravam no momento da entrevista num relacionamento todos tinham uma perspetiva positiva em relação ao relacionamento:

*“Espetacular (...) está bem e não tem indícios de ficar pior”* (Nuno, heterossexual, PTE)

*“Sim estou numa relação // dois anos // Já teve um período um bocado instável, uma relação um bocado tremida, mas agora não. Agora encontra-se bastante seguro”*  
(Miguel, heterossexual, TI)

No caso entrevistados com características da masculinidade cúmplice pudemos observar formas distintas de expressão da intimidade. A primeira delas diz respeito ao modo de perceberem o relacionamento amoroso. Enquanto até então demos conta de indivíduos que dão importância e valorizam o relacionamento amoroso estável e duradouro deparamo-nos com discursos que nos levam a ir de encontro ao que Giddens (1993) chama de relação pura e ao sugerido por Bertolo e Barbará (2006) quando referem que as relações íntimas contemporâneas sustentam globalmente uma representação das relações íntimas mais ligadas à parceria e à amizade, que dura enquanto a relação for satisfatória para ambos, valorizando o respeito mútuo. Nestes casos os entrevistados diziam estar em alguns relacionamentos amorosos simultaneamente e caracterizavam as suas relações como uma forma de diversão:

*“Bom alguns [está em alguns relacionamentos amorosos] // Agora eu tou numa fase em que conheço uma pessoa que me interessa tenho algo, depois passo // e também não é só uma pessoa. Mas nada ao mesmo tempo, digamos que tenho assim umas quatro ou cinco pessoas com quem eu me relaciono já algum tempo, nada ... fixo”*  
(Pedro, heterossexual, EE)

*“Ahm, ahm em alguns relacionamentos // instáveis e não sei, como uma diversão não sei.”* (Luís, heterossexual, TI)

Estes indivíduos explicam que determinadas palavras como namoro, casamento acabam por ser prejudiciais para os relacionamentos, e que mais importante que o nome que se atribui às coisas é a ligação que se estabelece entre as pessoas, referem também que palavras como o amor têm vindo a perder importância nas relações atuais.

*“Eu gosto de estar numa relação, e sem sentir o peso eu acho que determinadas palavras como casamento e namoro trazem um peso e isso me incomoda, incomoda muita gente // é você ser feliz com aquela pessoa independente de nome que se atribui*

*à relação e ao sentimento que se tem // às vezes as pessoas dizem que se amam mas o amor é algo tão, que se tornou tão banal que acho que já não tem valor, se você escutar alguém dizer que te ama você oh [bate as mãos como sinal de descrédito] antigamente era lindo alguém se dissesse que o amor era tão supremo tão...”* (Pedro, heterossexual, EE).

Nas masculinidades cúmplices, a escolha das parceiras está grandemente relacionada com a parte física embora esta esteja para alguns a um nível secundário:

*“Começando pelo mais básico que é a parte animal do homem, que é a parte física, tem que haver sempre alguma parte física que (...) agrade seja a cara, seja o corpo, seja o que for, os olhos, o sorriso (...) mas isso será sempre o primeiro impacto, o primeiro teste que tem que se passar”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“Eu ligo mais há personalidade da pessoa do que ao aspeto físico, se bem que isso também conta qualquer coisa”* (Nuno, heterossexual, PTE)

Relacionado com as características físicas temos a atracção que foi posta em evidência por estes entrevistados como fator essencial para estabelecer um relacionamento:

*“Tenho de gostar dela, primeiro de tudo tenho de olhar para ela e sentir que não quero mais ninguém. E tem de ser alguém que me atraia. Alguém que eu olhe para ela e me atraia fisicamente // não sinto necessidade de olhar pra mais ninguém”* (Pedro, heterossexual, EE)

*“Atracção física // gosto de mulheres que me atraem que sejam mesmo bonitas, chamem a atenção depois isso inicia.”* (Henrique, heterossexual, PTE).

Comtemplamos no entanto que as características físicas e a atracção são importantes numa primeira fase pelo que posteriormente os entrevistados enunciam um conjunto de características que consideram essenciais para que de facto se estabeleça uma relação, algo que deve ser construído:

*“Essa relação, como eu tomo com essas pessoas que falei na pergunta anterior eu tenho só a primeira fase, a fase da atracão // Com o passar do tempo se for acontecer aquela cumplicidade (...) tem de ser recíproco (...) de se sentir bem ao falar e tudo mais // aquele sentimento que eu não sei descrever, e ninguém sabe mas todo o mundo já passou por isso, plo menos da nossa idade ... a gente sente quando tem algo a mais com uma pessoa e muitas vezes não acontece das primeiras vezes, é algo que é construído... a gente vai construindo ” (Henrique, heterossexual, PTE)*

Um outro aspeto importante diz respeito às características de personalidade como inteligente, divertida, compreensiva, liberal:

*“Tem de ser alguém inteligente tem de ser alguém divertido.” (Pedro, heterossexual, EE)*

*“Tem que ser uma pessoa séria // ser uma pessoa compreensiva // tem que ser uma pessoa que me compreenda muito bem seja uma pessoa liberal” (Jorge, heterossexual, TI)*

Foi também realçado pelos entrevistados o facto de saber conversar e a educação:

*“Eu considero muito importante se é uma pessoa com quem eu possa sentar e conversar” (Nuno, heterossexual, PTE),*

*“Ver que eu me relaciono bem com ela, falo bem com ela // sabe ter uma conversa decente” (Miguel, heterossexual, TI)*

Para os entrevistados manter um relacionamento é um trabalho contínuo. É preciso ter em conta um conjunto de fatores, tem de haver “respeito”, “humildade”, “confiança”, “compreensão”, “paciência”, “força de vontade”, “entregada” e “haver uma continuação (...) do interesse um pelo outro” (Miguel, heterossexual, TI) e também a comunicação entre ambos foi posta em evidência “comunicar é importante comunicar” (Joel, heterossexual, EE).

Verificamos que podemos estabelecer uma relação entre diferentes masculinidades e formas de interpretação da intimidade. No entanto não podemos ver a masculinidade como uma estrutura que expressa vivências da intimidade fixas para os homens que se aproximem desse ideal de masculinidade, porque verificamos que mesmo dentro de grupos de homens com características semelhantes podemos encontrar variações nas formas de expressão da intimidade.

### **5.3. Sexualidade e identidade masculina**

A sexualidade é uma dimensão importante e indissociável da intimidade, pelo que se torna importante analisar a percepção que cada homem tem sobre esta.

Uma vez que a primeira relação sexual masculina é considerada por alguns autores como um fator preponderante na construção da identidade sexual masculina (Heilborn, 1998) e percebida como a passagem para a vida adulta, analisamos a importância que os entrevistados lhe atribuíram.

Neste sentido averiguamos que grande parte dos entrevistados consideraram a primeira relação sexual como algo *“terrível”, “estranho”, “desinteressante”*, mas que teve muita importância:

*“Teve muita importância! (...) A minha primeira relação sexual foi terrível, e ãh foi terrível em tudo”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“A primeira relação sexual foi terrível correu muito mal, foi desinteressante mas foi importante”* (Fernando, homossexual, EDL).

A análise do discurso dos entrevistados permitiu-nos ir de encontro a Leal e Knauth (2006) quando referem que a primeira relação sexual é um momento de aquisição de conhecimento. Assim os entrevistados consideraram a primeira relação sexual como importante pelo facto de ser a primeira vez e de servir como forma de aprendizagem, não só da sexualidade masculina mas também da feminina.

*“Primeiro é o ponto máximo da percepção sobre o teu corpo”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“Importante, importante foi no sentido que fiquei a conhecer o que é o órgão sexual de uma mulher (...) fiquei a conhecer o prazer que dá”* (Jorge, heterossexual, TI).

*“No caso da relação sexual da primeira vez foi eu quero experimentar, eu quero ver como é, quero ter esse prazer”* (Joel, heterossexual, EE)

A primeira relação sexual é também considerada como uma forma de aprendizagem de uma técnica corporal (Leal e Knauth, 2006), que os entrevistados consideram mecânica, e sobre a qual pensavam ter conhecimento. Os discursos dos entrevistados denotam também a existência de uma diferença na forma como o homem e a mulher vêem o ato sexual, enfatizando o facto de a mulher priorizar o contexto afetivo em que se deu a iniciação sexual e o homem priorizar a técnica do ato sexual em si:

*“Não fazia ideia daquilo que estava a fazer ãh apesar de pensar que já sabia // mas pior do que isso foi (...) ter sido com uma mulher que não me dizia nada sentimentalmente embora eu pelos vistos lhe dissesse a ela //eu estava ali a fazer uma coisa apenas mecânica, enquanto ela não”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“Sexo bom é algo natural né mas as primeiras vezes são metódicas, a gente pensa como tem que se movimentar o que tem de fazer, onde tocar onde não tocar”* (Henrique, heterossexual, PTE).

Incitando uma relação entre a intimidade e os diferentes tipos de masculinidade deparamo-nos com diferentes percepções sobre a primeira relação sexual, nomeadamente na forma como ela é percebida pelas masculinidades cúmplices e pelas masculinidades subordinadas.

No caso das masculinidades cúmplices os entrevistados referem que a primeira relação sexual foi algo que aconteceu muito cedo, sem sentimento e noutros casos com pessoas que pouco se conheciam:

*“Foi uma relação entre duas pessoas que pouco se conheciam”* (Joel, heterossexual, EE)

*“Foi uma noite casual”* (Miguel, heterossexual, TI)

*“Mas pior do que isso foi... Foi ter sido muito cedo, e foi ter sido com uma mulher que não me dizia nada sentimentalmente”* (Rui, heterossexual, PTE)

A primeira relação sexual foi marcante para alguns entrevistados nas suas relações sexuais futuras, no que diz respeito ao sentimento fazendo-os ver que o sexo era mais que o envolvimento físico entre duas pessoas:

*“E pensei que iria ser a primeira de muitas mulheres que eu ia passar na minha vida ... por um lado agradeço por ter passado por essa experiência, porque fez-me abrir os olhos e ver que o sexo não é uma coisa banal // E isso fez-me ver que o sexo funciona se estiverem ambos virados para aí (...) E por isso, desde então acho que me orgulho de apenas ter tido relações sexuais com alguém que me dissesse alguma coisa naquele preciso momento”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“Agora desvalorizo por outro lado desvalorizo porque fi-lo com uma pessoa, naquela altura sei que não sentia nada por ela foi mais pelo ato não é, e inconscientemente também por ser na adolescência // Gostava que isso acontecesse com uma pessoa com quem eu gostasse mesmo, independentemente de ser agora ou não ser na mesma minha namorada. O correto é que devia de ter sido com uma pessoa que eu gostasse”* (Jorge, heterossexual, TI).

No caso das masculinidades subordinadas os entrevistados têm uma perceção diferente da primeira relação sexual, salientam a descrição do contexto afetivo em que se deu a iniciação sexual, falando do tipo de relação e afeto existente entre os dois. Nos discursos dos homossexuais a primeira relação sexual está associada a uma pessoa com quem estavam ligados emocionalmente e embora reconheçam que a o ato em si tenha sido não

como o esperado, dão-lhe importância e recordam-no como algo bom e positivo pela ligação emocional que estava envolta:

*“Aconteceu com amor e como foi o meu primeiro namorado e eu o dele e aconteceu de uma forma super natural e os micro pormenores hoje tendo mais experiência tu percebes okay aquilo correu tudo, eramos os dois muito desastrados // mas foi muito bonito porque o que estava ali no meio era bonito e acho que é importante, e tenho sorte por ter este carinho por esse primeiro momento por ter corrido dessa forma e ter aquele sentimento // foi um ato de grande carinho, de grande amizade ... e de amor e algo que nos vai unir”* (Fernando, homossexual, EDL)

*“Por acaso teve importância porque foi com uma pessoa que pronto não desenvolveu uma relação amorosa, mas já havia um bocado aquela ”* (Carlos, homossexual, TI)

Um dos entrevistados salienta também o facto de a primeira relação sexual ter servido de forma de conhecimento da sexualidade homossexual:

*“Normalmente há curiosidade para saber como funciona a sexualidade homossexual, no meu caso como era a primeira vez ele deixou-me super à vontade para eu escolher, para experimentar ambos os papéis de ativo e passivo, para saber em qual me sentia mais à vontade”* (Carlos, homossexual, TI)

Desde a segunda metade do século XX, como sugere Meyer, Klein e Andrade (2007), foi possibilitado às mulheres que vivessem a sexualidade com prazer dentro e fora do casamento. Contudo verificamos que no que diz respeito à perceção da sexualidade ainda encontramos sinais da sociedade patriarcal nos discursos de alguns entrevistados, sobretudo no que diz respeito à sexualidade feminina, pois os entrevistados reconhecem que a sexualidade feminina ainda se encontra bastante inibida e muito ligada ao sentimento e às emoções. As próprias noções de sexualidade que circulam na sociedade acabam por restringir a sexualidade feminina. Na opinião de um dos entrevistados:

*“Eu penso que sim, eu acho existe, tudo e, em consequência históricas de certa forma, da filosofia filosófica da origem do homem, do desenvolvimento // a mulher*

*tem tabu em certos tipos de comportamentos que podiam ajudar no sexo // à parte isso é um pequeno exemplo que a mulher já cresce aí eu não posso ter esse comportamento, eu não posso falar certas palavras... Talvez eu não posso exprimir o que eu tou sentido o prazer que eu sinto com isso // Acho que é tudo uma consequência de como a sexualidade do homem e da mulher é trabalhada na nossa sociedade não é. Eu acho que é muito muito preconceito de uma mulher na sexualidade”. (Henrique, heterossexual, PTE)*

Como averiguamos no trabalho teórico a sociedade determina formas diferentes de se falar na sexualidade criando posições diferentes face ao sexo para homens e mulheres. Assim também quando falamos de sexualidade verificamos que alguns dos entrevistados estabelecem essa distinção e têm formas diferentes de ver a sexualidade feminina da masculina. No entanto não é unânime a opinião da existência de diferenças entre a sexualidade feminina e masculina, pois para alguns dos entrevistados a vivência da sexualidade depende de pessoa para pessoa e não do sexo.

*“A sexualidade masculina e feminina é mesmo muito diferente.” (Rui, heterossexual, PTE)*

*“Há homens que gostam pouco de sexo, há mulheres que gostam pouco e contrário também” (Jorge, heterossexual, TI),*

*“Há tanto pessoas que vão virgens para o casamento tanto homens como mulheres, como pessoas que têm relações sexuais a torto e a direito tanto homens como mulheres” (Nuno, heterossexual, PTE)*

*“Aquela típica ideia de que o homem pronto é muito dado ao sexo, e conheço casos em que é totalmente o oposto... hum são praticamente assexuados. Em contra partida também tem muitas mulheres que tem essa característica, depende muito da pessoa isso sim.” (Carlos, homossexual, TI).*

*No caso da sexualidade homossexual um dos entrevistados refere que “ pra nós os preliminares não tem absoluto interesse nenhum, nós somos físicos // Ah quando dois*

*corpos iguais se encontram há ali um conjunto de perguntas que já estão respondidas”* (Fernando, homossexual, EDL)

No caso em que os entrevistados apontavam diferenças entre a sexualidade masculina e a sexualidade feminina elas iam de encontro a Leal e Knauth (2006) quando associam que os discursos femininos se centravam na contextualização afetivo-romântica e os discursos masculinos enfocam a capacidade técnica e corporal para o ato sexual. Deste modo apuramos que os entrevistados consideram que a sexualidade feminina é muito “complexa”, e que como já foi referido ainda reflete os ideais da sociedade patriarcal:

*“As mulheres têm uma visão mais purista da parte sexual”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“A mulher vê o sexo como forma de ela satisfazer o homem não de ela se satisfazer a ela também”* (Entrevista nº 2)

A mulher está associada a uma sexualidade mais controlada, e mais relacionada com a passividade, a emotividade e a sedução:

*“Uma coisa mais pessoal, mais importante não se faz sexo com qualquer um, enquanto que o homem, mesmo em termos gerais é bota pa frente”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“Como só sente a necessidade de satisfazer o homem não tem muito a necessidade de fazer muita coisa (risos) está ali porque tem de estar”* (Pedro, heterossexual, TI).

*“A mulher tem outra vivência da sexualidade muito mais erótica muito mais romantizada ah muito mais sensível, voltando á questão da sensibilidade, do que o homem”* (Fernando, homossexual, EDL)

Por sua vez no que diz respeito à sexualidade masculina apuramos que é percecionada como sendo mais ativa que a feminina, os homens são vistos como tendo mais necessidade sexual:

*“Mas a masculina é, tem um papel mais ativo, enquanto o feminino é mais passivo. Sei lá o papel de macho, de dominante foi sempre do homem, e acho que acaba por ser essa a diferença”* (Paulo, homossexual, OI)

*“Acho que o homem tem, não sei se é uma maior necessidade sexual que a mulher”* (Joel, heterossexual, EE).

A sexualidade masculina é também vista como algo mecânico:

*“Pra nos é tudo muito fácil, é exercitar e acaba-se por chegar lá”* (Rui, heterossexual, PTE)

*“O corpo do homem é facilimo em qualquer lugar que você toque ele já esta ali e a mulher não”* (Pedro, heterossexual, EE).

A sexualidade masculina é vista como sendo mais precoce:

*“A gente é mais precoce a iniciar a relação sexual”* (Pedro, heterossexual, EE)

Este discurso vai contra Heilborn (1998) que entende que as mudanças nas relações de gênero e a perda do valor da virgindade feminina se têm refletido na aproximação da iniciação sexual de homens e mulheres.

Pudemos averiguar que a sexualidade é fundamental para a construção da identidade masculina, a primeira relação sexual, principalmente, revelou-se como tendo uma grande influência no desenvolvimento da identidade sexual masculina sobretudo no que diz respeito às relações futuras.

Apuramos também que a visão da sexualidade está de certo modo relacionada com a masculinidade, deste modo enquanto as masculinidades subordinadas estabeleciam uma relação da sexualidade com a parte afetiva e emotiva o mesmo não acontecia de forma tão evidente no discurso dos entrevistados com uma masculinidade cúmplice.

Embora de forma não unânime, verificamos que continuam a persistir imagens que associam formas diferentes de vivência da sexualidade aos homens e às mulheres.



## Conclusão

Esta dissertação teve como propósito aprofundar o conhecimento sobre as masculinidades e a intimidade masculina. Através da análise dos conteúdos das entrevistas a onze homens, investigámos as suas representações do que é ser homem e as suas expressões de intimidade – desde o amor, às emoções, ao compromisso e à sexualidade – de modo a compreendermos a relação existente entre masculinidades e intimidade.

Verificamos que o estudo das masculinidades surgiram, de certo modo, impulsionados pelo movimento dos direitos civis nos anos 1950 e pelos movimentos feministas e movimento gay dos anos de 1960 e 1970, estes ao reivindicarem os seus direitos punham em questão alguns dos pressupostos em que se baseava até então a masculinidade. Paralelamente a estes movimentos iam acontecendo alterações no conceito de masculinidade de forma a dar resposta às alterações ocorridas na sociedade fazendo com que o homem continuasse a ocupar uma posição privilegiada na sociedade. A masculinidade pode então ser entendida como uma construção social. Neste processo de construção intervêm inúmeros fatores, desde os processos de socialização primária às influências da própria sociedade que através de formas mais ao menos ritualizadas estabelecem o que é entendido como legítimo, neste caso, para o comportamento masculino. No entanto pudemos encontrar variações neste processo de construção, e deparamo-nos com vários tipos masculinidade. Apesar da existência de vários tipos de masculinidade temos sempre um ideal de masculinidade – a masculinidade hegemónica – que serve de comparação para a construção das outras masculinidades. O facto de existirem vários tipos de masculinidades traduz-se em diferentes formas de os homens conceberem não só as suas identidades de género, mas também as suas práticas.

As mudanças estruturais que foram ocorrendo na sociedade ao longo do tempo não tiveram apenas como consequência a redefinição do papel do homem na sociedade, elas refletiram-se também nas relações de intimidade. Os discursos de intimidade habitualmente focavam-se numa oposição entre o masculino e o feminino, associando as emoções e os sentimentos como domínios pertencentes às mulheres e a racionalidade domínio pertencente aos homens. Mas com a redefinição do papel do homem na sociedade estes domínios, até então, associados distintamente a homens e mulheres começam a ser postos em questão, surgindo novas formas de se contemplar a intimidade.

Assim através de um estudo de cariz eminentemente qualitativo, aprofundamos o conhecimento não só sobre a masculinidade, mas também, sobre as formas de expressão de intimidade de acordo com diferentes tipos de masculinidades. Optamos por fazer este estudo, com recurso ao estudo de casos, porque este revelou-se ser o método mais adequado para nos permitir compreender de forma mais aprofundada a masculinidade. Assim com o recurso à técnica de entrevista e de aplicação de um questionário sociodemográfico foi possível darmos conta das representações de masculinidade e de intimidade de onze homens estudantes na Universidade do Minho.

A análise das representações que estes homens tinham sobre o que é ser homem evidenciou, desde logo, um hiato entre as suas identidades masculinas e a representação do que significa ser homem que circula na sociedade. Esta conclusão prende-se com o facto de os homens darem conta de uma noção do que entendem ser homem, que foi semelhante entre todos os entrevistados, mas afastam-se dela quando aprofundamos os seus discursos. Quando atendemos aos seus discursos, verificamos que os entrevistados se afastam da noção de homem que haviam evidenciado.

Ainda no seguimento desta análise verificamos que a representação de homem que circula na sociedade, e que foi evidenciada de forma geral de igual modo por todos os entrevistados, se encontra dentro dos pressupostos da masculinidade hegemónica. Este facto leva-nos a ressaltar a importância que o conceito de masculinidade hegemónica ainda continua a ter na construção das identidades masculinas. Em contra partida os discursos dos entrevistados permitiram verificar que a masculinidade hegemónica é apenas um ideal de masculinidade que se tem vindo a esbater ao longo dos tempos, e que hoje em dia poucos são os homens que se enquadram nos padrões rígidos deste tipo de masculinidade. Concluímos que a masculinidade hegemónica se assume cada vez mais como um ideal de comparação entre os diferentes tipos de masculinidade. Um dos entrevistados alertou neste sentido que o facto de na sociedade prevalecer a noção de masculinidade hegemónica como preponderante na construção das identidades masculinas, pode ser limitante para o próprio homem se tivermos em conta que este pode tentar enquadrar-se numa construção social que defende um ideal rígido de masculinidade – masculinidade hegemónica - quando sabemos que existem várias maneiras de se ser homem.

As representações que os homens têm acerca da masculinidade refletem também influências do patriarcado. As influências do patriarcado são visíveis desde logo pelo facto de se associar o homem como tendo o papel primordial na sociedade. Os discursos dos

entrevistados davam conta de que na nossa sociedade o homem tinha as maiores responsabilidades sociais, familiares e económicas. Também as características associadas ao homem refletem a predominância do modelo patriarcal de masculinidade. Para os entrevistados ser homem era sinónimo de uma pessoa forte, com poder, com uma postura dominante, não emotivo, que não chora.

Apuramos que na nossa sociedade subsiste a atribuição distinta de papéis sociais para homens e mulheres. Este facto está relacionado, de acordo com as perceções dos entrevistados, com a superioridade masculina e com o facto de os homens estarem mais predispostos para determinadas tarefas do que as mulheres. A visão de responsabilidade e de proteção que são inculcados ao homem serve de explicação para a inferioridade da mulher e consequentemente para a hierarquização de papéis que persiste na nossa sociedade.

Indagamos que apesar de todas as conquistas operadas pelas mulheres no sentido de se libertar de uma posição inferior, e de obter a mesma igualdade que o homem perante a sociedade, continuam a reproduzir-se representações da mulher enquanto socialmente discriminada. Essas representações são mais evidentes no que diz respeito à discriminação da mulher na vida profissional, o que os entrevistados explicaram estar relacionado com a responsabilidade familiar que está inculcada à mulher, com a sua fisiologia, com a indisponibilidade da gravidez e com a incapacidade física.

Embora o ideal patriarcal se tenha conservado até aos dias atuais influenciando as representações que os homens têm acerca do papel do homem e da mulher na sociedade, verificamos que temos vindo a assistir a uma mudança ao nível das práticas dos indivíduos. Apuramos que essas práticas se distanciam e procuram desmarcar-se dos ideais de homem e mulher que circulam na sociedade. Deste modo verificamos que os entrevistados no decorrer das suas interações sociais salientavam ter um posicionamento diferente à visão dos ideais de homem e mulher que circulam na sociedade.

Na análise de diferentes tipos de masculinidade, deparamo-nos no decorrer do trabalho empírico essencialmente com indivíduos inseridos nos pressupostos da masculinidade cúmplice e subordinada. Concluímos que a análise dos diferentes tipos de masculinidade não pode ser analisada somente tendo em conta estruturas sociais como a etnia/raça, raça e orientação sexual, pois a análise de outras estruturas sociais revela-se de suma importância numa sociedade em que as masculinidades são reflexo do conjunto de alterações por que tem passado a sociedade. Foi então a análise de outras estruturas sociais que nos levaram a enquadrar grande parte dos entrevistados na masculinidade cúmplice. Os

indivíduos que enquadrados na masculinidade cúmplice eram homens que não que exibiam uma atitude dominante nem de poder nas suas interações sociais, e que posicionavam as mulheres como iguais a si. Não consideravam a esfera doméstica como um domínio exclusivamente associado à mulher, uma vez que eram indivíduos que faziam a sua parte dos trabalhos domésticos. Estes homens salientavam a importância do trabalho profissional como forma de subsistência, sustento e de gestão da economia familiar. São homens que procuram manter relações duradouras com as mulheres e posteriormente com a paternidade.

Outros dos entrevistados foram enquadrados nos pressupostos da masculinidade subordinada. Estes eram indivíduos com uma orientação sexual homossexual e os dados obtidos permitiram-nos verificar que estes homens são muitas das vezes vítimas de uma forte estigmatização social, de práticas de discriminação pessoal e violência física e verbal. No caso da violência verbal traduzia-se em um conjunto característico de bocas que iam desde “menina” a “paneleiro”. A violência física traduzia-se em “pontapés”, “arremesso de pedras”. Concluímos que estes homens tinham uma visão do ideal de masculinidade mais próxima dos novos modelos de masculinidade para estes ser homem não estava relacionado com a estrutura física, priorizando fatores emocionais, e de sensibilidade ao invés da dominação.

Evidenciando também algumas ilações sobre a masculinidade marginalizada, concluímos que num contexto de supremacia branca as masculinidades negras podem desempenhar papéis simbólicos para a construção do género dos brancos, nomeadamente no que diz respeito à construção de exemplares de dureza física, isto porque um dos entrevistados salientou que pela sua estrutura física e por ser de raça negra acaba por fazer com que as pessoas o vejam como uma pessoa mais forte. Isto leva-nos também a concluir que a perceção que os indivíduos têm acerca da masculinidade se encontra bastante ligada à estrutura e características físicas do homem.

A perceção sobre as masculinidades foi importante para a análise das representações da intimidade. Os discursos analisados foram muito diversificados e do mesmo modo que nos deparamos com diversas perceções do que é ser homem, encontramos perceções e vivências distintas da intimidade.

Assinalamos que as representações que os homens têm sobre a intimidade refletem em algumas circunstâncias influências patriarcais. Continua a reproduzir-se e a circular na sociedade o pensamento de que o homem na relação tem de ser dominador e a mulher tem de lhe estar subjugada. Os discursos dos entrevistados e esta conceção de relação levam-nos

a concluir que hodiernamente as relações ainda se baseiam nos pressupostos do amor romântico que se consolidou no século XIX. Ainda é comum a atribuição de papéis distintos aos homens e às mulheres na relação, as mulheres são vistas como dando mais importância ao sentimento, às emoções, à idealização do casamento e ao facto de ter um homem para toda a vida, enquanto o homem é entendido como dando mais importância à parte sexual.

O modelo de amor romântico ainda tem influência nas representações de intimidade dos entrevistados. No entanto essa influência é apenas visível na percepção que os entrevistados têm da forma como se vivem as relações de intimidade na sociedade ocidental de forma geral. Quando analisamos o modo como os entrevistados vivem as suas relações íntimas concluímos que o modelo de amor romântico tem vindo a perder influência nas vivências individuais de intimidade.

A nova configuração das sociedades ocidentais tem vindo a fazer com que a supremacia dos valores do modelo patriarcal e dos modelos de amor romântico tenham vindo a ser substituídos por outros que respondam de forma mais adequada às alterações ocorridas na sociedade, nomeadamente por práticas de intimidade mais igualitárias.

A análise dos discursos dos entrevistados acerca da intimidade permitiram-nos averiguar que poderíamos estabelecer uma relação das representações acerca da intimidade com diferentes tipos de masculinidade.

As masculinidades subordinadas tinham uma representação da intimidade mais relacionada com as emoções e com o amor. Estes homens expressavam uma forte emotividade e salientavam a importância do amor e da existência de sentimento para o estabelecimento de uma relação. São homens que na escolha dos seus parceiros além de valorizarem os aspetos físicos também têm em conta aspetos psicológicos e emocionais. Uma outra característica comum salientada nas representações de intimidade destes homens era a promiscuidade.

As representações da intimidade, no caso das masculinidades cúmplices, não punham em evidência a importância do amor e das emoções. Nas masculinidades cúmplices os homens viam as mulheres como iguais a si e posicionam-na da mesma forma na relação. Estes são homens que de um modo geral pretendiam estabelecer relações duradouras com as mulheres que dão importância e valorizam o relacionamento amoroso estável e duradouro. Mas no caso das masculinidades cúmplices deparamo-nos também com homens que tinham uma representação da intimidade que se aproximam da “relação pura”. Não pretendiam estabelecer relações duradouras com as mulheres. Para estes homens, que tinham uma

representação de intimidade próxima dos ideais da relação pura, palavras como o namoro e o casamento são prejudiciais para os relacionamentos pelo que se deve dar mais importância à ligação que se estabelece com as pessoas do que propriamente ao nome que se atribui a essa ligação. Estes homens também vêm o amor como algo que tem vindo a perder importância nas relações atuais. Nas masculinidades cúmplices os fatores mais importantes para a escolha da parceira eram numa primeira fase características físicas e a atracção. Posteriormente salientam que para que se estabeleça uma relação é necessário um processo de construção onde averiguam as características de personalidade, dando importância ao facto de ser uma pessoa inteligente, divertida, compreensiva, liberal, educada e alguém que saiba manter uma conversa. Estes homens consideram que para manter um relacionamento é necessário um trabalho contínuo, onde existe um conjunto de fatores fundamentais desde o respeito, à humildade, confiança, paciência, força de vontade, entretida à comunicação.

Analizamos também as representações que os homens têm da sexualidade e a sua relação com a sua identidade de género e concluímos que a sexualidade é um fator preponderante na construção da identidade masculina, e a primeira relação sexual assume grande importância neste processo de construção pois é vista como um aprendizado que influencia as relações futuras. Apuramos que nas representações dos entrevistados a primeira relação sexual é vista como uma forma de aprendizagem da sexualidade masculina e feminina, e de uma técnica corporal. As representações sobre a sexualidade variam consoante diferentes identidades de género.

No caso das masculinidades cúmplices, as descrições sobre a primeira relação sexual são despidas de sentimentos. No entanto o facto de a primeira relação acontecer sem sentimentos tem influência nas relações sexuais futuras, criando a consciência de que o sexo é mais do que o envolvimento físico entre duas pessoas.

No caso das masculinidades subordinadas a descrição da primeira relação sexual está envolta de um contexto afetivo, e associada a uma pessoa com quem existe uma ligação emocional. A primeira relação sexual é também vista como uma forma de conhecimento da sexualidade homossexual.

As representações dos entrevistados sobre a sexualidade revelam que na sociedade ainda persiste influências do patriarcado sobretudo no que diz respeito à sexualidade feminina. A sexualidade feminina ainda se encontra inibida e ligada ao sentimento e às emoções. Concluímos também que a sociedade continua a determinar formas diferentes de se falar na sexualidade feminina e na sexualidade masculina. No entanto as representações

dos entrevistados acerca da sexualidade masculina e feminina não é unânime. Enquanto uns evidenciam diferenças entre ambas, associando a sexualidade feminina à passividade, á emotividade e à sedução e a masculina a um ato mecânico, outros salientam que a sexualidade varia de pessoa para pessoa e não consoante o sexo.

Concluimos que é possível estabelecer, até certo ponto, uma relação entre diferentes masculinidades e diferentes formas de expressão da intimidade, mas que os esquemas de interpretação individuais dão margem para que se encontrem dentro do mesmo tipo de masculinidade representações variadas da intimidade. Este facto leva-nos a crer que em futuras investigações seria de sumo interesse analisar os fatores que intervêm diretamente na construção dos esquemas de interpretação da realidade destes indivíduos, de forma a verificar se são esses mesmos fatores que explicam as variações existentes nas representações de intimidade dentro do mesmo tipo de masculinidade.

Finalmente, concluimos que seria importante termos indivíduos que integrassem outro tipo de masculinidades, nomeadamente marginalizada e hegemónica, para podermos dar conta não só das características de todos os tipos de masculinidade mas também das formas de expressão de intimidade para esses homens, e observar a possibilidade de se estabelecer uma relação entre determinadas práticas de intimidade e distintas masculinidades. Embora tenhamos ambicionado estabelecer esta relação, não conseguimos consumá-la plenamente. O facto de a estratégia metodológica nos possibilitar controlar, em certa medida, os casos constituintes do estudo não foi suficiente para encontrarmos indivíduos que se enquadrassem em todos os tipos de masculinidade, pelo que, no nosso entender, seria interessante tentar superar esta lacuna num trabalho posterior.



## **Bibliografia:**

ABOIM, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança: Percursos e dinâmicas da vida a dois*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

ABOIM, Sofia (2002), “Perfis de coabitação em Portugal: percursos, contextos e orientações”, *Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 121-131.

ABOIM, Sofia, WALL, Karin (2002), “Tipos de família em Portugal: interacções, valores, contextos”, *Análise Social*, vol. 37, n.º 163, pp. 475-506.

ABOIM, Sofia (2009), “Da pluralidade dos afectos: Trajectórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 24, n.º 70, pp. 107-185.

ALMEIDA, Ana Nunes de (1986), “Entre o dizer e o fazer: a construção da identidade feminina”, *Análise Social*, Vol. 22, n.º 92/93, pp. 493-520.

ALMEIDA, Miguel Vale de (1996), “Género Masculinidade e Poder”, *Anuário Antropológico*, n.º 95, pp. 161-190.

ALMEIDA, Miguel Vale de (1989), “Não desejarás o Teu Próximo: A Homossexualidade como Pecado, Crime e Doença”, in BATISTA, F., *Espelho da Construção Social da Sexualidade, do Género e dos Afectos: Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, JNICT, pp. 851-860.

ALMEIDA, Miguel Vale de (2007), “Da diferença e da desigualdade: lições da experiência etnográfica”, in António Pinto Ribeiro, *A Urgência da Teoria*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 75-108.

ALMEIDA, Miguel Vale de (2010), *A Chave do Armário: Homossexualidade, casamento e família*, Santa Catarina, Florianópolis.

ALMEIDA, Miguel Vale de (2009), "O esperma sagrado: algumas ambiguidades da homoparentalidade em contextos euro-americanos contemporâneos", *Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia*, vol. 25, pp. 109 - 121.

ALMEIDA, Miguel Vale de (1995), *Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de século.

ALMEIDA, Miguel Vale de (2006), "O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre 'gentes remotas e estranhas' numa 'sociedade decente'", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 76, nº 17, pp. 17-31.

AMÂNCIO, Lígia (1998), *Masculino e Feminino: A construção social da diferença*, Porto, Afrontamento.

AMÂNCIO, Lígia (2003), "O género no discurso das ciências sociais", *Análise Social*, vol. 38, nº 168, pp. 687-714.

AMÂNCIO, Lígia (1993), "Género: representações e identidades. Análise das representações do masculino e do feminino e a sua articulação com as identidades", *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 14, pp. 127-140.

AMÂNCIO, Lígia (2004), *Aprender a ser Homem: Construindo masculinidades*, Lisboa, Livros Horizonte.

ARAYA, Karla (2011), "Male identities in conflict: The construction of masculinity in the characters of Devi Mahasweta's 'The Hunt' ", *Revista Literária Cuarto Próprio*, nº7, pp. 1-16.

BADINTER, Elisabeth (1993), *XY: Sobre a identidade masculina*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BECKER, Howard S. (1994), *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo, Hucitec.

BERTOLO, Raquel, BARBARÁ, Andréa (2006), “Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens”, *Psico-USF*, vol. 11, nº 2, pp. 229-237.

BONELLI, Maria Gloria (2003), “Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções”, *Cadernos Pagu*, nº 21, pp. 357-372.

BOURDIEU, Pierre (1998), *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand.

BRANDÃO, Ana (2007), “*E se tu fosses um rapaz?*” *Homo-erotismo feminino e construção social da identidade*, Porto, Afrontamento.

CARABÍ, Àngels (2003), *Construyendo nuevas masculinidades: la representación de la masculinidade en la literatura y el cine de los Estados Unidos*, Barcelona, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.

CARNEIRO, Teresinha (1998), “Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, nº 2, pp. 379-394.

CARVALHO, Cláudia (1999), “Identidade e intimidade: Um percurso histórico dos conceitos psicológicos”, *Análise Psicológica*, vol. 4, nº 17, pp. 727-741.

CASTIEL, Sissi (2003), “Transformações na intimidade no século XXI”, *Revista de Psicanálise*, nº1, pp. 137-149.

CONNELL, Robert (1995), *Políticas da masculinidade*, Porto, Educação e Realidade.

CONNELL, Robert (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.

DÍAZ, Alfons; MORALES, Paco (2011), “Masculinities and uses of time: hegemony, negotiation and resistance”, *Prisma Social*, nº 7, pp. 6-30.

DURKHEIM, Émile (1987), *As Regras do Método Sociológico*, São Paulo, Nacional.

ERICEIRA, Ronald (2003), “Há uma crise na identidade masculina contemporânea? Um breve olhar introdutório em homens de São Luís”, *XI Congresso Brasileiro de Sociologia*, UNICAMP.

FERREIRA, Virgínia (1988), "O Feminismo na Pós-modernidade", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 24, pp. 93-106.

FERREIRA, Virgínia (1993), *Padrões de Segregação das Mulheres no Emprego - Uma Análise do caso Português no Quadro Europeu, Estruturas Sociais e Desenvolvimento*, Lisboa, Fragmentos.

FERREIRA, Virgínia (1998), “Mulheres em Portugal: Situação e Paradoxos”, in Leonel Moura e Maria Nobre Franco (org.), *Pavilhão do Território*. Lisboa, M.P.A.T, pp.86 - 147.

FIALHO, Fabrício (2006), *Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemónica*, Tese de Mestrado em Ciência Política, Lisboa, ICSUL.

FONSECA, Ana (1998), *A Identidade Masculina segundo Robert Bly: O paradoxo entre o real e o imaginado*, Tese de mestrado em Estudos Americanos, Lisboa: Universidade Aberta.

FULLER, Norma (2001), “Masculinidades. Cambios y permanencias: Varones de Cuzco, Iquitos y Lima”, *Fundo Editorial Antropologia*, vol. 22, pp. 237-239.

GHIGLIONE, Rodolphe, MATALON, Benjamin (1993), *O Inquérito: Teoria e prática*, Oeiras, Celta.

GIDDENS, Anthony (1993), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, Oeiras, Celta Editora.

GIFFIN, Karen, CAVALCANTI, Cristina (1999), “Homens e reprodução”, *Estudos Feministas*, nº 1, pp.53-71.

GOMES, Sérgio (2006), “A crise masculina: Uma crítica à identidade de género e à literatura masculinista”, *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 26, nº. 1, pp. 118-131.

GROSSI, Miriam (2004) *Masculinidades: Uma revisão teórica*, Florianópolis, Antropologia em Primeira Mão.

GUERREIRO, Maria das Dores (1998), "Os homens na família e no trabalho em Portugal", *Family & Work*, vol. 2, n. 98, pp. 139-190.

GUERRA, Isabel Carvalho (2006), *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*, Estoril, Príncipeia.

GRENWOOD, Ernest (1965), “Métodos de investigação empírica em Sociologia”, *Análise Social*, nº 11, pp. 313-345.

HAIR, Joseph, BABIN, Barry, MONEY, Arthur, SAMOUEL, Phillip (2003), *Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração Pública*, São Paulo, Artmed.

HEILBORN, Maria Luiza (1998), “A primeira vez nunca se esquece”, *Estudos Feministas*, nº 2, pp. 394-405.

HERNANDÉZ, Oscar (2007), “Estudios sobre masculinidades. Aportes desde América Latina”, *Revista de Antropologia Experimental*, nº 7, pp. 153-160.

JESUS, Milena (2009), “Os desafios da masculinidade: uma análise discursiva do género masculino a partir da obra: As velhas de adonias filho”, *Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, vol. 3, n. 2, pp. 1-16.

KIMMEL, Michael (1987), *Changing Men: New Directions in Research on Men and Masculinity*, USA, SAGE.

KIMMEL, Michael (1997), *Manhood in America: A cultural history*, New York, Free Press.

KIMMEL, Michael, HEARN, Jeff, CONNELL, Robert (2004), *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, London, SAGE.

KIMMEL, Michael (2005), *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality*, USA, Albany.

LALANDA, Piedade (1989), “Crianças e cultura do álcool: modelos de referência e consumo de bebidas alcoólicas em idade escolar”, *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 6, pp. 33-50.

LEAL, Andréa, KNAUTH, Daniela (2006), “Sex as body technique: male representations of affective and sexual relationships”, *Caderno de Saúde Pública*, nº 22, pp. 1375-1384.

LOPES, Ana (2009), *Desigualdades de Género no Poder Local: Duas autarquias em estudo*, Tese de mestrado em Sociologia, Coimbra, FEUC.

LE BRETON, David (2009). *As Paixões Ordinárias: Antropologia das emoções*, Petrópolis, Vozes.

MACHADO, Fernando Luís, COSTA, António Firmino da, MAURITTI, Rosário, MARTINS, Susana da Cruz, CASANOVA, José Luís, ALMEIDA, João Ferreira de (2003), “Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 66, pp. 45-80

MEDRADO, Benedito, LYRA, Jorge, AZEVEDO, Mariana, BRASILINO, Jullyane (2010), *Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas*, Brasil, Recife.

MELO, Rita (2004), *Intimidade e desgostos de amor*, Tese de mestrado em Psicologia, Coimbra, FEUC.

MEYER, Dagmar, KLEIN, Carin, Sandra, ANDRADE (2007), “Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas”, *Educação em Revista*, nº 4, pp. 219-239.

MOREIRA, Helena, SILVA, Sónia, CANAVARRO, Maria (2009), “Adaptação do personal assessment of intimacy in relationships scale (PAIR) para a população portuguesa: estudo das suas características psicométricas”, *Psychologia*, nº 50, pp. 353-373.

PASCOAL, Nadine (2010), *O Namoro no Jovem Adulto: Compromisso e atitudes face à coabitação*, Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, Lisboa: Universidade aberta.

POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, Simone, RAYBAUT, Paul (1999), *Histórias de Vida: Teoria e prática*, Oeiras, Celta.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, LucVan (1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

RODRIGUES, Elisabete (2009), *O Lugar do Género, dos Homens e das Mulheres na Sociologia Portuguesa: Uma análise a partir da Associação Portuguesa de Sociologia e seus congressos*, Lisboa, ISCTE.

SAAVEDRA, Luísa (2010) “Diversidade na identidade: a escola e as diversas formas de ser masculino”, *Psicologia, Educação e Cultura*, vol. 8, nº 1, pp. 103-120.

SANTOS, Simone (2010), “O modelo predominante de masculinidade em questão”, *Revista Política Pública*, vol. 14, nº 1, pp. 59-65.

SCAVONE, Lucília (2011), “Masculinidade no limiar de uma nova era”, *Fiocruz*, vol. 18, nº 1, pp. 269-272.

SILVA, Sérgio (2006), “A crise da Masculinidade: Uma crítica à identidade de género e à literatura Masculinista”, *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 26, nº 1, pp. 118-131.

SEIDLER, J. Victor (1997), *Man Enough: Embodying Masculinities*, London, SAGE.

SEIDLER, J. Victor (2005), *Transforming Masculinities: Men, Cultures, Bodies, Power, Sex and Love*, London and New York, Rotledge.

TORRES, Anália. (1987), “Amores e desamores: Para uma análise sociológica das relações afectivas”, *Sociologia*, nº 3, pp. 21-33.

TORRES, Anália (2002), “Casamento: Conversa a duas vozes e em três andamentos”, *Análise Social*, vol. 37, nº 163, pp. 569-602.

WALL, Karin (2007), “Atitudes face à divisão familiar do trabalho em Portugal e na Europa”, in K. Wall e L. Amâncio (org.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 211-257.

WALL, Karin, ABOIM, Sofia, CUNHA, Vanessa (2010), *A Vida Familiar no Masculino: Negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, CITE.

WANG, May-lin, JABLONSKI, Bernardo, MAGALHAES Andréa (2007), “Identidades Masculinas: Limites e Possibilidades”, *Psicologia em Revista*, vol. 12, n. 16, pp. 54-65.

WETHERELL, Margaret; EDLEY, Nigel (1999), Negotiating hegemonic masculinity: Imaginary positions and psycho-discursive practices, *Feminism and Psychology*, n° 9, pp. 335-356.



## **Anexos**



**Anexo 1. Guião de entrevista**



## Guião de entrevista

Esta entrevista tem como finalidade recolher informação relativa às percepções que os homens têm acerca da intimidade. A sua colaboração é muito importante para este estudo e queria, desde já, dizer-lhe que não há respostas certas ou erradas. A entrevista será, mediante a sua autorização, gravada, para que seja mais fácil depois a sua análise. O anonimato dos dados é sempre garantido.

1. Gostaria que me falasse, para começar, sobre o que é, para si, ser homem?
2. Na sua opinião, na nossa sociedade ainda existe discriminação baseada no sexo?
  - a. Se sim, a que níveis?
  - b. Já alguma vez se sentiu alvo de algum tipo de discriminação? Se sim, importa-se de me falar das circunstâncias em que isso aconteceu?
3. Já alguma vez se sentiu vítima de violência física e/ou verbal?
  - a. Em que circunstâncias?
4. Encontra-se, neste momento, a trabalhar?
5. Que importância tem o trabalho na sua vida?
6. Fale-me, agora, do seu contexto familiar: neste momento, com quem vive? E fora do tempo de aulas?
7. Em casa, costuma realizar tarefas domésticas?
  - a. Quais?
  - b. Com que frequência?
  - c. Qual a importância que atribui às tarefas domésticas?

8. Fale-me, agora, da sua vida amorosa: encontra-se, neste momento, em algum relacionamento amoroso?
  - a. Há quanto tempo?
  - b. Como o caracteriza?
  
9. Explique-nos quais são as características que tem em conta quando assume um relacionamento amoroso com uma determinada pessoa?
  - a. E o que é, no seu entender, necessário para o manter?
  
10. Na sua opinião, os homens e as mulheres posicionam-se da mesma forma face às relações amorosas?
  
11. Já alguma vez pensou em casar?
  - a. Qual a importância que atribui ao casamento na sua vida?
  
12. Já alguma vez pensou em ter filhos?
  - a. Que importância tem/teria, para si, ter filhos?
  
13. Pode falar-nos da sua primeira relação sexual e da importância que ela teve para si?
  
14. Na sua opinião, existem diferenças entre a sexualidade feminina e a sexualidade masculina?
  - a. Se sim, quais?

Agradecimentos.

## **Anexo 2. Questionário**



## Questionário de caracterização Sociodemográfica

Este questionário pretende recolher elementos que nos permitam fazer a sua caracterização sociodemográfica. Agradecemos, desde já, a sua colaboração, garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados fornecidos.

1. Idade: \_\_\_\_\_  
2. Nacionalidade: \_\_\_\_\_

3. Identificação étnica:

- Caucasiana/Europeia   
Negra   
Asiática

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

4. Orientação Sexual:

- Heterossexual   
Homossexual   
Bissexual

Outra – qual?

5. Estado civil:

- Solteiro   
Casado   
Divorciado/ Separado   
Viúvo   
União de Facto

6. Qual é o curso que está a frequentar?

---

7. Qual é o grau que está a frequentar?

- Licenciatura
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento

8. Qual é o ano que está a frequentar?

- 1º Ano
- 2º Ano
- 3º Ano
- 4º Ano
- 5º Ano

9. Neste momento, qual o seu estatuto enquanto estudante?

- Estudante
- Trabalhador Estudante  (avance para a questão 11)

10. No presente ano lectivo, encontra-se a receber bolsa de estudo?

- Sim  (avance para a questão 14)
- Não  (avance para a questão 14 )

11. Por favor, indique a profissão que exerce e o sector ou ramo de actividade

Profissão: \_\_\_\_\_.

Sector ou Ramo de actividade: \_\_\_\_\_.

12. Por favor, faça uma breve descrição das funções que exerce:

\_\_\_\_\_.

13. Qual é a sua situação na profissão?

Patrão

Trabalhador por conta de outrem

Trabalhador por conta própria com trabalhadores ao serviço

Trabalhador por conta própria sem trabalhadores ao serviço

Trabalhador familiar não remunerado

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

14. Indique, por favor, quais as habilitações literárias dos seus PAIS:

	Pai	Mãe
Nenhuma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Básico – 1º Ciclo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Básico – 2º Ciclo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Básico – 3º Ciclo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Doutoramento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

15. Indique por favor qual a profissão que exerce/exerceu o seu PAI e o sector ou ramo de actividade?

Profissão: \_\_\_\_\_.

Sector ou Ramo de actividade: \_\_\_\_\_.

16. Por favor, faça uma breve descrição das funções que o seu pai exerce/exerceu:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

17. Qual é/era a situação do seu PAI perante a profissão?

Patrão

Trabalhador por conta de outrem

Trabalhador por conta própria com trabalhadores ao serviço

Trabalhador por conta própria sem trabalhadores ao serviço

Trabalhador familiar não remunerado

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

18. Indique por favor qual a profissão que exerce/exerceu a sua MÃE e o ramo ou sector de actividade?

Profissão: \_\_\_\_\_.

Sector ou Ramo de actividade: \_\_\_\_\_.

19. Por favor, faça uma breve descrição das funções que a sua mãe exerce/exerceu:

\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_.

20. Qual é/era a situação da sua MÃE perante a profissão?

Patrão

Trabalhador por conta de outrem

Trabalhador por conta própria com trabalhadores ao serviço

Trabalhador por conta própria sem trabalhadores ao serviço

Trabalhador familiar não remunerado

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Obrigado pela sua colaboração!

**Anexo 3. Tabela de apuramento da origem e lugar de classe dos entrevistados**



**Tabela de apuramento de origem e de lugar de classe dos entrevistados<sup>5</sup>**

<b>Entrevistado</b>	<b>Lugar de Classe do Pai</b>	<b>Lugar de classe da Mãe</b>	<b>Origem de Classe</b>	<b>Lugar de Classe Individual</b>
<b>1- Rui</b>	PTE	PTE	PTE	PTE(*)
<b>2- Pedro</b>	TI	TI	TI	EE
<b>3- Henrique</b>	PTE	EE	PTE	PTE(*)
<b>4- Fernando</b>	EDL	EDL	EDL	EDL(*)
<b>5- Jorge</b>	OI	TI	TI	TI
<b>6- Paulo</b>	OI	(**)	OI	OI(*)
<b>7- Nuno</b>	—	PTE	PTE	PTE(*)
<b>8- Luís</b>	TI	(**)	TI	TI(*)
<b>9- Carlos</b>	—	TI	TI	TI(*)
<b>10- Miguel</b>	TI	(**)	TI	TI(*)
<b>11- Joel</b>	EE	EE	EE	EE

**(\*\*) Doméstica**

**(\*) Lugar individual de classe atribuído de acordo com a origem de classe**

<sup>5</sup> De acordo com a proposta de Machado, Costa, Mauritti, Martins et al.(2003).

